



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

VALDELICE DA SILVA ANDRADE

**PEDAGOGIA DA ENXADA: VIDA E MILITÂNCIA DE
RAIMUNDO NONATO DE QUEIROZ (1964-1985)**

**CAMPINA GRANDE-PB
2022**

VALDELICE DA SILVA ANDRADE

**PEDAGOGIA DA ENXADA: VIDA E MILITÂNCIA DE
RAIMUNDO NONATO DE QUEIROZ (1964-1985)**

Monografia elaborada e apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de graduada, pelo Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus I – Campina Grande –PB.

Orientadora: Prof^ª Me. Senyra Martins Cavalcanti

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A553p Andrade, Valdelice da Silva.
Pedagogia da enxada [manuscrito] : vida e militância de Raimundo Nonato de Queiroz (1964-1985) / Valdelice da Silva Andrade. - 2022.
70 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Senyra Martins Cavalcanti ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Raimundo Nonato de Queiroz. 2. Educação Popular. 3. Ditadura Civil-Militar. 4. Estudo biográfico. I. Título

21. ed. CDD 923.7

VALDELICE DA SILVA ANDRADE

**PEDAGOGIA DA ENXADA: VIDA E MILITÂNCIA DE RAIMUNDO NONATO
DE QUEIROZ (1964-1985)**

Monografia elaborada e apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Graduada, pelo Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Nota: 10,00 (Dez)
Aprovada em: 30/03/2022.

BANCA EXAMINADORA

Senyra Martins Cavalcanti

Profª. Me. Senyra Martins Cavalcanti (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria do Socorro Moura Montenegro

Profª. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão

Profª. Dra. Patrícia Cristina de Aragão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus e a Nossa Senhora por me dar sabedoria, paciência e determinação para concluir mais um ciclo da vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que durante minha vida tem me fortalecido e renovado minhas forças para vencer os desafios.

Aos meus pais, em especial a minha mãe, que sempre acreditou no meu potencial e me deu apoio nos momentos mais difíceis da graduação.

A minha irmã Verônica da Silva Andrade que contribuiu para minha formação acadêmica (e profissional).

A minha amiga e segunda mãe Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz que sempre acreditou e investiu em mim. Foi através dos seus conselhos e apoio que almejei e consegui ingressar no curso superior.

A todos os meus familiares que me apoiaram e compreenderam minha ausência nos momentos em família, devido a demanda de estudos e trabalho.

A minha orientadora, professora Me. Senyra Martins Cavalcanti, por sua disponibilidade, paciência, sensibilidade e ajuda para a realização deste trabalho. Obrigada por todo auxílio, empatia, dedicação e troca de conhecimento.

Agradeço a Prof.^a Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro e a Prof.^a Dra. Patrícia Cristina de Aragão, por comporem a banca examinadora e pela disponibilidade de prestigiar esse momento único na minha vida acadêmica.

Aos colegas de sala de aula pelos momentos de amizade e apoio.

RESUMO

A biografia permite investigar acontecimentos da história, as reverberações ou silenciamentos a partir do sujeito, este inserido num corpo social. Isto posto, o objetivo deste estudo biográfico é analisar a vida e militância do Educador Popular Raimundo Nonato de Queiroz no contexto da Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Esta pesquisa monográfica possibilita uma reflexão para a constituição de uma sociedade efetivamente democrática, inclusiva, participativa e solidária, tendo como mecanismo de intervenção nas esferas sociais uma religião libertária e a formação de lideranças comunitárias na perspectiva de promover a autonomia dos indivíduos e estimular sua participação nas questões que interferem diretamente a vida em sociedade. Diante disto, os objetivos específicos são: contextualizar a trajetória educativa e formativa de Raimundo Nonato de Queiroz; conhecer a atuação do educador popular na Teologia da Enxada (1969-1971), na Cidade de Tacaimbó-PE; e analisar como a religião influenciou sua prática educativa. A pesquisa contribui para refletirmos uma práxis libertária, embasada na opção preferencial pelos excluídos socialmente, possibilita questionar as estruturas de poder construídas e naturalizadas historicamente no Brasil. A metodologia utilizada foi a qualitativa com a realização de entrevistas, análises de jornais da época e livros escritos pelo educador popular. Para dialogar com a temática nos baseamos nos aportes teóricos de Delgado (2003), Malheiros (2011), Ferrarotti (1991), Freire (1987), dentre outros. Do ponto de vista dos resultados, concluímos que Raimundo Nonato de Queiroz foi um militante durante o regime militar, pois lutou e defendeu os direitos básicos do povo tacaimboense. Nonato estimulou, ainda, a participação dos sujeitos nas questões sociais, promovendo, mesmo que, paulatinamente, uma mudança comportamental e de pensamento, suscitando a transformação da realidade.

Palavras-chave: Raimundo Nonato de Queiroz. Educação Popular. Ditadura Civil-Militar. Estudo biográfico.

ABSTRACT

Biography makes it possible to investigate events in history, the reverberations or silencing from the subject, who is inserted in a social body. That said, the objective of this biographical study is to analyze the life and militancy of the Popular Educator Raimundo Nonato de Queiroz in the context of the Civil-Military Dictatorship (1964-1985). This monographic research allows a reflection for the constitution of an effectively democratic, inclusive, participatory and solidary society, having as a mechanism of intervention in the social spheres a libertarian religion and the formation of community leaders in the perspective of promoting the autonomy of individuals and encouraging their participation in the issues that interfere directly to life in society. In this point view, the specific objectives are: to contextualize the educational and formative trajectory of Raimundo Nonato de Queiroz; to know the work of the popular educator in Teologia da Enxada (1969-1971), in the city of Tacaimbó-PE; and analyze how religion influenced their educational practice. The research contributes to reflect a libertarian praxis, based on the preferential option for the socially excluded, makes it possible to question the structures of power historically constructed and naturalized in Brazil. The methodology used was qualitative with interviews, analysis of newspapers of the time and books written by the popular educator. To dialogue with the theme, we based ourselves on the theoretical contributions of Delgado (2003), Malheiros (2011), Ferrarotti (1991), Freire (1987), among others. From the point of view of the results, we conclude that Raimundo Nonato de Queiroz was a militant during the military regime, as he fought and defended the basic rights of the people of Tacaimbo-PE. Nonato also stimulated the participation of subjects in social issues, promoting, even if, gradually, a behavioral and thought change, raising the transformation of reality.

Keywords: Raimundo Nonato de Queiroz. Popular Education. Civil-Military Dictatorship. Biographical study.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|-------------|---|----|
| Figura 1 – | Percurso educativo no Ginásio de Limoeiro-PE..... | 25 |
| Figura 2 – | Recebimento do Sacramento da Primeira Eucaristia..... | 29 |
| Figura 3 – | Formação sacerdotal de Raimundo Nonato de Queiroz..... | 31 |
| Figura 4 – | Boletim do 1º ano colegial | 34 |
| Figura 5 – | Raimundo Nonato e Pe. José Comblin..... | 47 |
| Figura 6 – | Carta de Comblin para Raimundo Nonato de Queiroz..... | 48 |
| Figura 7 – | Jornal o Momento..... | 56 |
| Figura 8 – | Caricatura em alusão a ameaça de morte em Tacaimbó-PE..... | 62 |
| Figura 9 – | Capa dos livros da coleção “A novidade de Jesus” | 66 |
| Figura 10 – | Capa dos livros da 1ª e 2ª edição do curso “Como ser eficaz em grupo?”... | 68 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 | PERCURSO HISTÓRICO DA VIDA DE RAIMUNDO NONATO DE QUEIROZ | 21 |
| 2.1 | Biografando um Educador Popular: trajetória educativa | 21 |
| 2.1.1 | Ingresso no Seminário: Formação seminarística de Raimundo Nonato de Queiroz | 26 |
| 2.1.2.1 | Formação seminarística e o trabalho de inserção no meio popular | 40 |
| 3 | RAIMUNDO NONATO E A TEOLOGIA DA ENXADA | 44 |
| 3.1 | Primórdios da Teologia da Enxada (1969-1971) | 44 |
| 3.1.1 | Os seminaristas e a Teologia da Enxada (1969-1971), na Cidade de Tacaimbó-PE | 46 |
| 3.1.2.1 | O método da Teologia da Enxada | 52 |
| 4 | O CAMINHO PARA REFLETIR UMA RELIGIÃO LIBERTÁRIA | 57 |
| 4.1 | Desafios e perspectivas para viver uma religião libertária | 57 |
| 4.1.1 | Formação de lideranças comunitárias entre os grupos populares | 63 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 69 |
| 6 | REFERÊNCIAS | 73 |

1 INTRODUÇÃO

Decerto, cada período da história possui nuances, desdobramentos e efervescência que caracterizam as relações sociais de seu tempo. O tempo e a história estão entrelaçados, são marcas do passado e, no presente, reforçam ou desconstróem uma concepção de sujeito, de mundo, de educação e de sociedade. Assim, “[...] o olhar do homem no tempo e através do tempo, traz em si a marca da historicidade. São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história [...]” (DELGADO, 2003, p. 10). Uns mais sujeitos do que outros, deixam marcas mais intensas durante sua vivência em decorrência de múltiplos motivos: participação no trabalho coletivo, posicionamentos religiosos, (não) engajamento político a um sistema de governo vigente, dentro outros, singularizam os indivíduos.

Nesta pesquisa monográfica, apresentaremos a biografia de Raimundo Nonato de Queiroz, no período de sua atuação durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), momento em que o Brasil foi marcado pelo autoritarismo, perseguições, repressões aos opositores, transformações políticas, econômicas, sociais e religiosas. No contexto histórico a que nos referimos, Raimundo Nonato de Queiroz atuou na Teologia da Enxada, na Cidade de Tacaimbó-PE, no período de 1969-1971.

Partindo do contexto histórico, a que referi no parágrafo anterior, o tema desta pesquisa biográfica se apresentou com o objetivo de reconhecer o trabalho desenvolvido por Raimundo Nonato de Queiroz, de visibilizar a potencialidade do povo camponês e desconstruir uma visão limitada, preconceituosa e excludente em relação às particularidades da população camponesa que foi construída e disseminada no decorrer da história brasileira, com objetivos explícitos e implícitos, pelos grupos detentores de poder.

Investigar a atuação de Raimundo Nonato numa época de silenciamento, repressão e violação dos direitos fundamentais como foi a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) é uma forma de valorizar a atuação do povo camponês que, historicamente, foram excluídos da participação política de forma efetiva, no exercício da cidadania plena.

Analisar a militância do educador popular no período de 1964-1985, no qual havia o cerceamento das liberdades democráticas, elucidaria a necessidade de compreender a construção histórica e política brasileira a fim de evitar que atrocidades do passado sejam aceitas e reproduzidas no presente.

Nesta pesquisa foi utilizado o método biográfico, pois permitiu uma aproximação da realidade dos indivíduos. Ao partir da realidade dos indivíduos, de suas vivências, reconheceu-se que estes também fazem parte de um grupo social amplo, inserido num contexto histórico, social, político, econômico e religioso:

[...] quando a questão é evitar projectar a componente pessoal no reino do acaso ignorando-a e considerar a praxis humana, só a razão dialéctica permite a compreensão de um acto na sua totalidade, a reconstrução do processo que faz de um comportamento específico, a síntese activa de um sistema social. Só a razão dialéctica nos autoriza a interpretar a objectividade de um fragmento da história social, na base da subjectividade presente de uma história individual. Só a razão dialéctica nos dá acesso ao universal e ao geral (a sociedade), começando pela individualidade singular (um determinado homem). (FERRAROTTI, 1991, p. 172).

Segundo a afirmação de Ferrarotti (1991), estudar determinado contexto histórico e os sujeitos inseridos neste meio possibilita entrever questões subentendidas do passado e que no presente provocam inquietações e reflexões. O percurso teórico-metodológico utilizado nesta pesquisa é biográfico, portanto, é um percurso de descoberta. Logo, o objetivo geral desta pesquisa monográfica é analisar a vida e militância do Educador Popular Raimundo Nonato de Queiroz no contexto da Ditadura Civil-Militar (1964-1985).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreremos a uma investigação sobre a trajetória de vida de Raimundo Nonato e sua atuação no Estado de Pernambuco (1969-1971). Para alcançar esse objetivo geral, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: contextualizar a trajetória educativa e formativa de Raimundo Nonato de Queiroz; conhecer a atuação do educador popular na Teologia da Enxada (1969-1971) na Cidade de Tacaimbó-PE; e analisar como a religião influenciou sua prática educativa.

A partir da construção dos objetivos citados no parágrafo anterior, será possível desenvolver a biografia de Raimundo Nonato, ter uma aproximação do tempo e do espaço de sua atuação nas esferas social, política, religiosa e cultural, e analisar ações que contribuíram para a naturalização de uma sociedade desigual e excludente.

A abordagem biográfica de sujeitos específicos possibilita, ainda, compreender a construção histórica do nosso país a partir da atuação e militância de um indivíduo. É uma outra forma de visibilizar o sujeito do campo engajado e militante sob um novo ângulo. A própria história dos movimentos educacionais no campo pode ser vista por um outro ângulo, através de homens e mulheres comuns que militavam por uma sociedade mais igualitária.

É pela abordagem biográfica que sujeitos específicos podem visualizados com um olhar mais aprofundado, no sentido de estudar e valorizar a sua intervenção singular de forma

positiva na luta por direitos individuais e coletivos, tendo como pressuposto uma religião libertária e a formação de líderes populares na luta pela construção de uma sociedade mais justa e participativa.

A biografia transmite as particularidades de um tempo específico da história. Por isso, a pesquisa aqui apresentada, descreve acontecimentos do final da década de 60 e início dos anos 1970. Nesse período, houve no Brasil a efervescência dos movimentos sociais, reforma agrária e de crises políticas e econômicas, o regime era ditatorial e uma junta militar ou um presidente governavam através de decretos-lei e promulgação de uma nova constituição autoritária.

Nessa conjuntura, com o golpe de 1964, o país atravessou mais uma experiência antidemocrática com viés centralizador, diminuição da participação popular, repressão, tortura, exílio, prisão e até assassinatos. As tensões sociais foram ampliadas - tanto no campo quanto na cidade, tendo em vista o centralismo político do período -, a violação dos direitos fundamentais dos indivíduos passou a ser rotineira e o retrocesso imposto pela Ditadura Civil-Militar (1964-1985) tornou-se bastante visível.

A partir da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), setores da classe média, conservadores, militares, segmentos religiosos e oligarquias rurais tiveram papel significativo na construção da história brasileira, pois usaram as armas ideológica, discursiva, física, midiática e política para destituir o presidente João Goulart no ano de 1964, que possuía um viés populista e um discurso trabalhista.

Como afirma Ridenti (2014, p. 18): “Sem hesitar em usar a força, os golpistas de 1964 preocuparam-se também com sua legitimidade. O golpe foi dado em nome da democracia, supostamente ameaçada. O regime instaurado jamais se assumiu como ditadura, no máximo como ‘democracia relativa’ [...]”.

A farsa no país foi corroborada com o Ato Institucional N° 1, de 9 de abril de 1964, evidenciando a perseguição política, pela intervenção dos militares nas lutas populares e a insatisfação da classe média em relação aos interesses econômicos pelo temor da ameaça comunista com a permanência de um governante com viés populista e discurso trabalhista. Diante desse contexto, a classe trabalhadora e outros setores tiveram limites em relação à participação na tomada de decisão, pois as conquistas trabalhistas foram revogadas, havia prisões contra os trabalhadores que divergiam do regime ditatorial, interferência nos movimentos populares e as eleições para presidente da república eram indiretas.

Na fase pré-golpe, a elite conservadora não era adepta a um governo com viés populista, que colocasse em pauta os anseios da classe trabalhadora e da população

camponesa. Uma das questões que causaram tensão na sociedade foram os movimentos sociais, a luta do povo camponês para ter acesso à terra como foi defendido pela Reforma Agrária. Esse movimento, no Brasil, teve contornos mais definidos no final da década de 1950 e início dos anos 60, tendo bases necessárias, com a aprovação do primeiro documento oficial que direcionava a reforma agrária no país, com a Lei Nº 4.504, de 30 de novembro de 1964. No entanto, o Estatuto da Terra foi aprovado em pleno regime militar, e com as medidas de incentivo à exportação adotadas favoreceu os grandes proprietários de terras.

A população camponesa defendia que os direitos de primeira geração: liberdade, igualdade perante a lei, direito à vida e à propriedade fossem assegurados pelos governantes. Sendo que a Reforma Agrária seria o elemento central para descentralização da posse de terras, e a efetivação dos direitos sociais. A “Reforma Agrária é um programa de governo que busca democratizar a propriedade da terra na sociedade e garantir o seu acesso, distribuindo-a a todos que a quiserem fazer produzir e dela usufruir”. (CALDART, 2012, p. 659).

A luta dos sujeitos da zona rural foi (e continua sendo) pela efetivação de políticas públicas que atendessem suas necessidades, anseios, desejos e seu contexto cultural, social, econômico, político e religioso. Sobre o conceito de movimentos sociais Gohn (2000, p. 13) afirma:

Movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo.

A concepção de Gohn (2000) sobre movimentos sociais reforça que as relações são permeadas por conflito de interesses, necessidades e lutas que variam de acordo com a demanda política e econômica de cada modelo de sociedade, e, também, pelo poder exercido pelos grupos sociais.

Dentre os elementos que interferem nas relações humanas, Machado (1993, p. 70), comenta que o *poder*, segundo Foucault é “[...] esta coisa tão enigmática, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e oculta, investida em toda parte [...]”. Desta forma, o poder é exercido pelos indivíduos no cotidiano, nas relações familiares, no trabalho, na escola, nos segmentos religiosos, nas diversas esferas sociais. “[...] Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e

outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui [...]”.

(MACHADO, 1993, p. 71).

Percebe-se que, alguns sujeitos exercem o poder com maior intensidade quando estão inseridos em grupos que disputam por uma adesão ideológica, pela imposição e aceitação de uma verdade defendida pela classe em que está inserida, por sua inserção na construção de uma sociedade dita ideal.

No que se refere aos movimentos sociais, a atuação dos sujeitos e no processo de luta por direitos, Machado (1993, p. 163) afirma que:

[...] O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles [...]

A citação acima demonstra a questão do poder e a sua interferência na vivência dos sujeitos. Numa sociedade capitalista e centralizada, o poder é uma forma de manter a hierarquização e a dominação de um grupo em relação a outros, para que seja aceito e reproduzido o paradigma disseminado pela classe dominante. Assim, o estudo biográfico permite uma aproximação das relações de poder exercidas em determinadas épocas históricas, por determinados grupos sociais e, conseqüentemente, pelo indivíduo que está inserido na sociedade e reflete as reverberações ou omissões do seu tempo.

Tendo em vista o caráter subjetivo como elemento central para elucidar as questões do seu tempo, no desenvolvimento desta biografia foi utilizada a pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas exploratórias por seu caráter descritivo, bem como pela pesquisa direta de livros e jornais. A escolha desse tipo de estudo surgiu porque “[...] as pesquisas qualitativas estão orientadas para identificar interpretações, formas de se relacionar com o mundo e com as demais pessoas para identificar o que há de comum e o que se diferencia [...]”.

(MALHEIROS, 2011, p. 189). Tal instrumento possibilita, através das narrativas escritas ou faladas, ponderar questões tendo uma aproximação da realidade no sentido de interpretar e/ou reinterpretar determinados acontecimentos e os sujeitos incorporados nesta realidade, realizando uma análise a partir da opinião dos sujeitos.

A biografia possibilita uma aproximação da memória sobre a vida de um sujeito inserido numa época específica, numa sociedade com demandas e necessidades, sobre isso, Avelar (2010, p. 158) acrescenta:

[...] A biografia suscitou preocupações com trabalhos de pesquisa mais rigorosos, capazes de demonstrar as tensões existentes entre a ação humana e as estruturas sociais, colocando o personagem e seu meio numa relação dialética e assegurando à História o caráter de um processo com sujeito.

Segundo Avelar (2010), a construção da biografia é permeada por desafios. Tal procedimento requer do pesquisador um rigor metodológico, uma compreensão do objeto de estudo: o indivíduo. O indivíduo, este inserido num campo social mais amplo que interfere direta ou indiretamente na sua visão de mundo, nas ações individuais e coletivas, no seu protagonismo ou passividade.

Importante observar, ainda, que o método biográfico possui características próprias:

A especificidade do método biográfico implica ultrapassar o trabalho lógico-formal e o modelo mecanicista que caracteriza a epistemologia científica estabelecida. Se desejamos fazer uso sociológico do potencial heurístico da biografia sem trair as suas características essenciais (subjectividade, historicidade), devemos projetar-nos nós próprios para além do quadro da epistemologia clássica. Devemos procurar fundamentos epistemológicos do método biográfico noutra lugar, na razão dialética capaz de compreender a práxis sintética e recíproca que governa a interação entre indivíduo e o sistema social. (FERRAROTTI, 1991, p. 172).

Segundo Ferrarotti (1991), o estudo biográfico é singular no sentido de ter como elemento indispensável a subjectividade, de considerar a interpretação do indivíduo e sua relação com o mundo. Por isso, para construir a biografia, o uso da entrevista é um elemento essencial, tendo em vista o recurso da memória para voltar ao passado e relatar acontecimentos. “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. (LE GOFF, 1990, p. 366).

Considerando o procedimento para realizar a entrevista, é necessário ter conhecimento teórico durante o diálogo e utilizar o método mais adequado ao contexto dos entrevistados. Por conseguinte, é preciso ter a compreensão de que o indivíduo está inserido num corpo social mais amplo, porém, sua singularidade é notada em grupos menores, composto por outros indivíduos que fazem parte do seu cotidiano, que compartilham vivências, visão de mundo, de educação, de sujeito e de sociedade que, por vezes, se distanciam ou se aproximam, se complementam ou provocam rupturas:

[...] são os pequenos grupos primários famílias, grupos de pares, colegas de emprego, vizinhos, parceiros de escola ou os meus amigos, etc. Todos estes grupos participam ao mesmo tempo na dimensão psicológica dos membros que os

constituem, e na dimensão estrutural do sistema social. Destruindo ou reestruturando o contexto, a praxis do grupo *medeia* e retraduz activamente a totalidade social, nas suas microestruturas formais e informais [...]. O grupo torna-se, por seu lado - e simultaneamente -, o objecto da praxis sintética dos seus membros. [...] Apresenta-se como uma zona suturada onde existe uma recíproca articulação e mutua diluição do público e do privado, das estruturas sociais e do eu, do social e do psicológico, do universal e do singular. É o domínio privilegiado daquele singular universal singular que encaramos como o protagonista do método biográfico - tal como o entendemos aqui. (FERRAROTTI, 1991, p. 174-175).

A citação no parágrafo anterior demonstra as particularidades do método biográfico, dos sujeitos que contribuem para o desenvolvimento da biografia, do percurso que deve ser elaborado para ter um encontro com o tempo presente do objeto de estudo: o indivíduo.

De modo que, para investigar a trajetória de vida de Raimundo Nonato de Queiroz, foi preciso fazer uma reconstituição da sua história. Nesse percurso, para o desenvolvimento desta pesquisa monográfica, uma personagem bastante importante foi a sua esposa: Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz.

A esposa de Nonato contribuiu significativamente na busca pelo amigo e ex-aluna de Nonato para a realização das entrevistas e o desenvolvimento desta biografia. Além do mais, Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz possui fontes iconográficas, um acervo pessoal e livros (organizados e utilizados por Nonato nos encontros de formação), além dos relatos orais que possibilitaram ter um encontro com o tempo presente do biografado.

Partindo da afirmação do parágrafo anterior, para desenvolver a biografia de Raimundo Nonato, será utilizada fontes como: o acervo pessoal de Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz que fica localizado no Sítio Isidoro, na Cidade de Serra Redonda-PB; e o Memorial Raimundo Nonato de Queiroz, situado na Cidade de Bayeux-PB; para elucidar a atuação do educador popular no período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985) brasileira.

Por seu caráter biográfico, esta é uma pesquisa de descoberta e informa quem são os autores das falas. A amostra para a abordagem qualitativa contará com a participação de quatro (4) pessoas: Catarina Maria Félix de Queiroz (filha de Nonato), Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz (esposa de Nonato), ambas moram no Sítio Isidoro, na Cidade de Serra Redonda-PB; Lúcia de Fátima Maciel (ex-aluna de Nonato), que reside em Santa Rita-PB; e João Batista Magalhães Sales (amigo de Nonato), que mora no Recife-PE.

Assim, este trabalho está disposto em três (3) capítulos.

No primeiro capítulo, destacaremos a trajetória educativa e de formação seminarística de Raimundo Nonato de Queiroz, no que se referem a sua origem, seus familiares, as influências que recebeu para tentar entender os fatores que o levaram a seguir o sacerdócio.

No segundo capítulo, analisamos a militância do educador popular na Teologia da Enxada, na Cidade de Tacaimbó-PE, na qual viveu uma formação eclesial do curso de teologia inserido na realidade camponesa. O cenário brasileiro nesse período era ditatorial, repressivo e antidemocrático.

No último capítulo, analisamos a influência da religião na práxis de Raimundo Nonato e sua atuação na formação humana.

Com a sistematização destes capítulos, com os procedimentos teórico-metodológicos e a fundamentação teórica, pretendemos alcançar o que foi proposto pela pesquisa, trazendo as marcas da história no indivíduo e colocando-o como centro do debate sociopolítico e religioso e das problemáticas de investigação.

2 PERCURSO HISTÓRICO DA VIDA DE RAIMUNDO NONATO DE QUEIROZ

2.1 Biografando um Educador Popular: trajetória educativa

Para desenvolver a biografia de Raimundo Nonato de Queiroz é imprescindível ter o contato com documentos impressos e relatos dos sujeitos que conviveram com o educador popular, pois tais elementos permitem uma aproximação da realidade do seu tempo presente.

Segundo Avelar (2010, p. 158), o percurso para desenvolver a biografia possui riscos e desafios:

[...] Esta sensação de poder controlar o curso da vida de seu personagem é, ao mesmo tempo, a força que dá sentido ao trabalho de construção do texto biográfico e seu maior risco, uma vez que, convencido de sua capacidade de penetrar nos acontecimentos e fatos relevantes de uma existência individual, o biógrafo se vê numa encruzilhada narrativa ao se deparar com lacunas documentais e perguntas sem respostas. [...]

Para Avelar (2010), desenvolver o estudo biográfico possui riscos para o pesquisador tendo em vista que a pesquisa é permeada por inquietações e questionamentos que podem ser elucidados ou não, através das narrativas orais ou documentos impressos. Tais fontes são de suma importância para construir, da forma mais aproximada possível, uma cronologia da vida do objeto de estudo: o indivíduo.

A biografia é um estudo que envolve descobertas. “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. [...] estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições [...]”. (GIL, 2002, p. 41).

As descobertas serão possíveis através da análise de fotos, pesquisa no acervo, visita ao Memorial Raimundo Nonato de Queiroz e diálogos com os colaboradores, sendo que todos serão identificados e os seus direitos como participantes da pesquisa serão preservados.

Partindo dos pressupostos apontados acima, segundo as fontes investigadas, Raimundo Nonato de Queiroz nasceu em 22 de setembro de 1945, na Cidade de Limoeiro-PE. Seus pais foram Pedro Celestino de Queiroz e Julieta Guedes de Queiroz que tiveram cinco (5) filhos homens e duas (2) mulheres.

A infância de Raimundo Nonato, foi vivida na sua cidade natal, Limoeiro-PE. No que se refere ao seu desenvolvimento intelectual e as relações humanas, os sinais de liderança já eram perceptíveis no educador desde a mais tenra idade, nas ações realizadas com os amigos.

É, segundo o irmão dele, Pedro Celestino de Queiroz Filho, é... é... Nonato era uma criança feliz, alegre e saudável, e até nas brincadeiras já se destacava com os colegas como líder. Ele já assim tinha essa característica de... de líder, nas brincadeiras com as crianças”. (Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz).

De acordo com o relato de Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz, desde criança nas brincadeiras infantis, Raimundo Nonato de Queiroz já demonstrava os traços para ser líder.

A característica de liderança foi sendo a florada na infância e ampliada no decorrer do tempo, sendo notada nas fases posteriores de sua vida, como na atuação com líderes populares, na escolha para ser um educador popular e sua atuação na formação humana.

Em relação ao período da infância e o processo educativo, Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz comenta:

Olha, é segundo o irmão dele, é o Pedro Celestino, né de Queiroz, ele a primeira infância, foi em uma escola particular de Dona, de Dona Maria Rosa Reis. Era uma professora assim, muito tradicional, lá de Limoeiro, e muito rígida e que era referência na Cidade. Aí ele foi alfabetizado nessa escola, é e depois entrou na escola formal de Limoeiro, no ginásio pra fazer as séries iniciais [...].

O relato da entrevistada é permeado pela característica educacional do tempo em que Raimundo inicia o ciclo escolar. Na década de 1950, o ensino era de cunho tradicional, elitista e distinto, pois o ensino primário era voltado para uma formação básica, para o mundo do trabalho. Evidentemente, concluir a instrução primária era a expectativa das classes menos favorecidas, enquanto que, segundo a Lei Orgânica do Ensino Secundário, em seu Artigo 1º, item 3, deixa claro a formação destinada para a elite. “Dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial” (BRASIL, 1942). Assim, a docente mencionada na entrevista reproduz a concepção de educação do seu tempo.

No percurso para desenvolver o estudo biográfico, cada detalhe sobre a vida do biografado pode ser analisado de forma minuciosa, com o objetivo de questionar acontecimentos, posicionamentos, tensões ou flexibilidade do período histórico investigado, pois:

[...] a pesquisa biográfica estabelece uma reflexão sobre o agir e o pensar humanos mediante figuras orientadas e articuladas no tempo que organizam e constroem a experiência segundo a lógica de uma *razão narrativa*. De acordo com essa lógica, o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, de uma vida. Algo começa, se desenrola, chega a seu termo numa sucessão, superposição, empilhamento indefinido de episódios e peripécias, de provações e experiências. No cotidiano da existência, um grande número dessas operações de configuração tem uma dimensão

de automaticidade e não solicita ativamente a consciência por corresponder aos *scripts* repetitivos dos quadros sociais e culturais. Ainda assim, essas operações estão sempre presentes, assegurando a integração da experiência que advém na temporalidade e na historialidade próprias à existência singular. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524-525, Grifo da autora).

De acordo com Delory-Momberger (2012), a biografia possui a especificidade no sentido de considerar os elementos constitutivos para elaborar, de maneira sistematizada, a vida do biografado. “[...] O trabalho qualitativo exige métodos rigorosos, que sejam capazes de explicitar que o investigador chegou o mais perto possível do fenômeno e, portanto, suas conclusões não se dão na base de suas crenças individuais”. (MALHEIROS, 2011, p. 189).

Aqui, a análise do tempo-espço histórico reflete as práticas sociais, o cotidiano permeado por gestos e comportamentos que manifestam, ainda que de forma implícita, o sistema educacional, as relações familiares e de amizade de seu tempo. Os mínimos detalhes podem contribuir para elucidar ou aproximar de práticas que manifestam a particularidade de um período histórico.

Considerando o contexto político no ano de 1946, que marca o primeiro ano de vida de Raimundo Nonato de Queiroz, o Brasil caminha para um processo de redemocratização, de acordo com a promulgação em 18 de setembro da Constituição de 1946.

A nova Carta Magna garantia os direitos fundamentais dos indivíduos e a construção de um país efetivamente democrático, rompendo, ainda que na forma da lei, com o modelo de política adotado pelo presidente anterior, Getúlio Vargas, o qual possuía um viés autoritário, centralizador e de cunho ditatorial.

A afirmação do parágrafo anterior demonstra o início para o processo de liberdade democrática. Sem dúvida, as mazelas da intervenção dos militares estão arraigadas na nossa história, pois no ano de 1930, o apoio dos militares foi indispensável para implantar o Governo Provisório de Getúlio Vargas, que governava através de decretos, evidenciando o golpe imposto nas eleições do corrente ano. Nesse cenário político, houve um cerceamento das liberdades democráticas no período que Vargas governou, que pode ser compreendido em três fases: Governo Provisório (1930-1934); Governo Constitucional (1934-1937); e Estado Novo (1937-1945). Cada fase transmite as particularidades, efervescências e silenciamentos de seu tempo.

No que se refere à educação, de acordo com o Decreto-lei nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946, que determina a Lei Orgânica para o ensino primário, em seu Artigo 1º define suas finalidades, determinando previamente o lugar que a classe menos favorecida deveria ocupar na sociedade e no mercado de trabalho quando preconiza a articulação do ensino primário

com outras modalidades de ensino. No Artigo 5º, demonstra o papel que a educação deveria desempenhar na formação dos sujeitos, determinando, ainda que de forma implícita, um ensino distinto para as classes sociais.

Devido ao contexto histórico, social, político e econômico, a educação não tinha como princípio norteador, segundo as finalidades do ensino primário, uma formação integral pois, segundo o Artigo 1º, alínea c, o ensino deveria “elevar o nível dos conhecimentos úteis à vida na família, à defesa da saúde e à iniciação no trabalho”. (BRASIL, 1946). Logo, a educação era destinada a questões voltadas também, e principalmente, para o mercado de trabalho, restrita a questões do ambiente familiar, sem uma preocupação de compreender a realidade, de promover uma formação crítica capaz de interferir na transformação social.

Relacionando o contexto educacional da década de 1950 que Raimundo Nonato inicia seus estudos, percebe-se que o ensino era tradicional, por vezes, empregava castigos físicos e não havia uma preocupação com uma formação integral, com a emancipação e a autonomia do indivíduo. A centralidade do ensino era voltada para a memorização, transmissão de conhecimentos, ensino mecanizado e o docente era tido como figura central e detentor do saber. O ensino, também, era acrítico e atendia às demandas da sociedade vigente, materializando os interesses políticos e econômicos da classe dominante.

Analisando o início do percurso educativo de Raimundo Nonato de Queiroz, a fonte iconográfica é uma ferramenta da pesquisa biográfica que permite a leitura do período pesquisado, por registrar as marcas do passado que podem ser investigadas no presente, na busca de compreender as relações humanas, políticas, educacionais, religiosas dentre outras.

No registro fotográfico posterior, será observado o percurso educativo de Raimundo Nonato de Queiroz, que registra a participação do educador popular, no Ginásio de Limoeiro, local onde ingressou para estudar o ensino elementar.

Figura 1 - Percurso educativo no Ginásio de Limoeiro-PE.



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz.

A fotografia acima, registra a característica educacional do seu tempo. Supostamente, o período que Raimundo ingressou no Ginásio tem as marcas de um ensino tradicional, homogeneizado e conservador.

No registro fotográfico, Raimundo Nonato de Queiroz está na primeira fila, onde as crianças estão agachadas, na sexta posição do lado direito para o esquerdo, onde tem uma marca de caneta azul com a seta para baixo. Essa foto é de cerca do ano de 1950c.

Os resquícios de uma educação acrítica e destinada a uma pequena parcela da população foi herdada desde o período colonial, pois a sociedade brasileira é marcada pela imposição de um modelo de homem e mulher que deveria convergir para atender os interesses do colonizador.

A educação brasileira, desde o Brasil colônia atendia aos interesses de um grupo minoritário que considerava a questão econômica, política e religiosa como indispensáveis para a dominação de grupos com menor e/ou nenhum poder aquisitivo, “[...] fica evidente a relação entre modelo econômico e educação, pois numa sociedade escravocrata e agroexportadora, baseada na exploração desmedida da população, a educação é artigo de luxo para garantir a reprodução e consolidação dos interesses burgueses [...]”. (ZOTTI, 2002, p. 67).

Com a industrialização, a partir da década de 1930, a forma de planejar o ensino brasileiro foi pensada para atender ao modelo de sociedade que emerge com a indústria e não,

necessariamente, para transmitir os conhecimentos de forma ampla, contextualizada, problematizada e dialógica à classe trabalhadora. Evidentemente, o objetivo não era atender aos interesses dos menos favorecidos, que tiveram seus direitos negados de ter uma formação ampla, inclusiva e humanizada:

Nesta nova conjuntura, a educação ocupará lugar de destaque, pois a complexificação da sociedade urbano-industrial exigirá que um maior número de pessoas tenha acesso à escola. Esta nova realidade é positiva visto que pela primeira vez a educação é vista como necessária e pensada como projeto nacional. Por outro lado, o interesse pela educação nacional é marcadamente direcionado para atender ao desenvolvimento econômico-industrial, de acordo com os interesses da minoria privilegiada. (ZOTTI, 2002, p. 71).

A afirmação de Zotti (2002), provoca questionamentos no sentido de que pela primeira vez no país a educação seria pensada como um projeto à nível nacional. Historicamente, o sistema educacional brasileiro é excludente e privilegia grupos minoritários em desfavor de uma grande maioria pertencente às camadas sociais mais desfavorecidas.

Importante salientar que, apesar do ensino ser pensado para a nação, os objetivos explícitos e implícitos podem ser problematizados a partir das demandas que a industrialização provoca, ou seja, o interesse da classe dominante era ter mão de obra qualificada para atender ao mercado de trabalho vigente, e a escola seria o mecanismo indispensável para qualificar os indivíduos com instrução mínima para manusear as máquinas.

Partindo do pressuposto acima, é necessário analisar as estruturas sociais que foram construídas e naturalizadas historicamente, com o objetivo de descortinar a exclusividade de direitos que eram válidos para determinados grupos sociais (a elite dirigente, os proprietários dos meios de produção, os administradores do estado, políticos e outros), enquanto que a classe menos favorecida (camponeses, trabalhadores urbanos pobres), possuíam os direitos básicos violados, restrito e fragmentado e, na maioria das vezes, seus direitos eram negados.

Importante destacar que a questão religiosa pode incidir direta ou indiretamente na sociedade, na relação familiar, nas instituições escolares e nos indivíduos. Aqui, daremos ênfase a religião Católica Apostólica Romana, por estar diretamente relacionada com o objeto de estudo.

2.1.1 Ingresso no Seminário: Formação seminarística de Raimundo Nonato de Queiroz

O catolicismo é uma religião bastante presente no Brasil tendo em vista os resquícios da presença dos jesuítas como catequistas no país desde 1549 e por ter sido a religião oficial

desde a Constituição Imperial de 1824, apesar de, no ano de 1981, o Brasil ter se tornado laico.

Relacionando a religião e a trajetória de vida de Raimundo Nonato de Queiroz, sabe-se que, precocemente, ingressou no seminário. Assim, se fez presente o interesse para compreender as motivações que levaram Nonato a ir para o seminário, a seguir a vocação sacerdotal.

“A abordagem qualitativa parte do princípio de que a realidade só existe do ponto de vista da pessoa. Ou seja, o que é real é a interpretação que se faz de um fenômeno, não o fenômeno em si”. (MALHEIROS, 2011, p. 188). Nessa linha de pensamento, a esposa de Nonato relata quais fatores podem ter induzido o educador popular a ingressar no seminário:

Olha, a família dele era muito tradicional e muito católica. A mãe, o pai, todo mundo, né. E na época toda a família tinha assim, gostaria de ter um filho padre na família, né. Aí é tanto que eram cinco homens, aí só um que não quis seguir esse caminho e foi pra o exército, mas os outros foram todos para o seminário, aí, é ele foi mais por esse motivo né, que foi a família católica demais e levava isso. Todo mundo tinha que ter na família um padre. (Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz).

A partir da narrativa acima, é possível relacionar a influência da família que era muito religiosa para que Nonato, bem como os demais irmãos da família, seguissem o sacerdócio se dirigindo aos seminários católicos. Como afirma Tagliavini (2006, p. 41): “Nesse ninho da família, a propaganda vocacional terá acolhida e se tornará eficaz. A ação persuasiva do clero se exerce sobre a família que é convidada a secundar os esforços da igreja na descoberta de vocações [...]”.

A fé professada no ambiente familiar representa o desejo de ter filhos padres, por isso, a partir dos doze (12) anos de idade, Raimundo ingressou no Seminário Menor da Imaculada Conceição, no Recife-PE, no Bairro da Várzea, no ano de 1958¹.

Tagliavini (2006, p. 40) afirma que, “[...] para a igreja, a vocação religiosa começa na família [...]”. Aqui, pode-se dizer que a interferência do ambiente familiar incide na formação da personalidade, da individualidade, na projeção de sonhos que podem ser almejados ou não pelos filhos. Contrapondo-se à visão da igreja, “[...] para a sociologia, diríamos que o garoto é seduzido numa família que já fora, por sua vez, também seduzida pela igreja” (TAGLIAVINI, 2006, p. 40). Logo, o ambiente no qual o sujeito está inserido pode refletir direta ou

¹ Documento cedido pelo presidente da ARVORE, onde está localizado o Memorial Raimundo Nonato de Queiroz, na Cidade de Bayeux-PB.

indiretamente na subjetividade, na interiorização de um projeto de vida idealizado, planejado pela família, a exemplo do sacerdócio.

O estímulo recebido para ingressar na vida sacerdotal pode ser percebido em vários ambientes, como forma de induzir, seduzir os meninos para seguir o caminho do sacerdócio:

Toda a propaganda de massa visa em primeiro lugar, a atingir os meninos e criar um clima favorável na comunidade e na família para o despertar de vocações. Visa, portanto, a criar uma consciência coletiva favorável, que funciona como reforço para os vocacionados, valorizando a imagem de si mesmos. A propaganda direta é feita pelo recrutador, promotor ou visitador vocacional, com palestras nas igrejas, nas escolas, distribuindo folhetos promocionais, com fotos de meninos alegres, ocupados nas tarefas e no lazer no seminário [...]. (TAGLIAVINI, 2006, p. 40).

Segundo Tagliavini (2006), além da família, outros meios são utilizados para despertar nos meninos o desejo de ingressar no seminário e ser padre. Pode-se dizer que o contexto social, cultural e religioso converge para interiorizar hábitos e costumes que vão moldando a personalidade e a subjetividade do indivíduo, caracterizando as relações humanas de seu tempo.

Os pais de Raimundo Nonato tiveram papel fundamental para que o educador popular seguisse, precocemente, o caminho religioso, a professar sua fé, a ingressar no Seminário, a interiorizar a devoção e o temor a Deus.

No percurso da apropriação da fé, de inserção na vida religiosa, a preparação para receber os Sacramentos da Igreja são elementos que devem ser interiorizados e valorizados desde cedo, isso quando o ambiente doméstico converge para tal dimensão, é o caso do educador popular. A imagem abaixo confirma mais um passo, pode-se assim dizer, na religião Católica Apostólica Romana: recebimento da Eucaristia.

Figura 2- Recebimento do Sacramento da Primeira Eucaristia



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz.

A imagem acima, retrata um momento da vida cristã de Raimundo Nonato na Igreja Católica. O recebimento de um dos Sacramentos da Igreja marca a vida do indivíduo, pois a Primeira Eucaristia é o momento em que se recebe Jesus pela primeira vez. Nessa foto estima-se que Raimundo tinha por volta de 10 anos de idade.

Sabendo que a partir dos doze (12) anos de idade, Raimundo Nonato ingressou no Seminário Menor da Imaculada Conceição, no Recife-PE, com o apoio e estímulo da família bastante tradicional e católica, pode-se dizer que, Nonato foi direcionado a seguir ou descobrir a vocação sacerdotal desde cedo.

[...] Tendo por funções essenciais, além da reprodução biológica, a transmissão cultural e o controle ideológico, a família é instrumento privilegiado para cuidar do despertar e da perseverança da vocação. (TAGLIAVINI, 2006, p. 41).

Certamente o ambiente familiar é o *locus* primário, ideal para incentivar as vocações nos seus descendentes. A família é a base, o alicerce que serve como referência para os filhos, pois os adultos possuem uma maturidade, uma bagagem de conhecimento, por isso, os pais estão sempre orientando e acompanhando os filhos nas conquistas, nos passos que seguem para alcançar determinado objetivo de vida.

Os pais de Raimundo Nonato eram bastante católicos, valorizavam os laços afetivos, a união e os momentos em família. Segundo João Batista Magalhães Sales, amigo de Nonato, formado em Filosofia e Teologia, com formação seminarística também: “[...] a relação familiar era muito sólida, muito coerente, o pai e mãe muito unidos, se amavam profundamente, Nonato era fruto disso [...]”. Aqui, pode-se dizer que a afetividade era um elemento presente na relação familiar e era refletido nas práticas de Raimundo Nonato em outros ambientes sociais.

Um aparte que será feito aqui é para destacar a pessoa de João Batista Magalhães Sales, pelo companheirismo e amizade destinado à Nonato.

João Batista Magalhães Sales participou da primeira turma do Instituto de Teologia do Recife e foi um dos seminaristas que esteve em Salgado de São Félix-PB desenvolvendo e vivendo a Teologia da Enxada. O ex-seminarista foi amigo de Raimundo Nonato de Queiroz desde a adolescência e conheceu o educador popular no ano de 1963, no Seminário Menor de Recife.

Em 1965, João Batista Magalhães Sales ingressa no Seminário de Olinda, juntamente com Raimundo Nonato de Queiroz para cursar Filosofia e eram colegas de turma, iniciando uma amizade a partir da vivência na mesma instituição formadora e posteriormente em outros projetos comuns.

Em 1967 interrompeu os estudos de filosofia para inserir-se na periferia de João Pessoa, no Roger, com Raimundo Nonato e outros seminaristas.

Em 1969, João Batista Magalhães Sales foi para Salgado de São Félix-PB e Raimundo Nonato de Queiroz foi para Tacaimbó-PE, desenvolver a Teologia da Enxada, orientados pelo professor Pe. José Comblin.

Feito esse aparte, retorno à relação familiar de Raimundo Nonato de Queiroz. A relação familiar de Nonato com a sua família era bastante sólida, com proximidade afetiva entre todos os irmãos e os pais se constituíam em referência para os filhos.

Uma fonte iconográfica apresenta bastante informação sobre determinado período histórico, social, religioso e relações familiares.

No que diz respeito às relações familiares, a imagem expõe comportamentos, modos de ser e de viver num tempo e espaço específico. Assim, no registro fotográfico abaixo, é possível observar que os pais do educador popular eram tradicionais, provavelmente transmitiam valores, crenças, costumes e modos de se vestir de acordo com sua concepção de mundo, de sujeito e de sociedade que caracterizam o seu tempo em que viviam.

Na foto, Nonato está com a indumentária de seminarista, possivelmente, segundo a esposa do educador popular, esse registro foi do período de férias do Seminário, quando Raimundo Nonato visitava seus familiares e aproveitava o momento com seus parentes e amigos. Supostamente a fotografia é do final da década de 1950, e o educador tinha por volta de doze (12) anos de idade.

Figura 3- Formação sacerdotal de Raimundo Nonato de Queiroz.



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz.

O registro fotográfico acima leva a crer a importância do elemento religioso na formação educativa da família. Na fotografia, Raimundo Nonato de Queiroz está do lado esquerdo da foto, paramentado como seminarista, manifestando, através da vestimenta sua formação seminarística e possível vocação sacerdotal. Na foto também estão seus irmãos e irmãs, seu pai e sua mãe. Dentre os irmãos de Nonato, um deles, que também era seminarista, está do lado direito da foto, próximo da sua irmã, retratando a influência e tradição da família em almejar ter filhos padres.

Segundo informações da esposa de Nonato, o pai do educador popular era comerciante e a família era “modesta”. Houve uma época que os pais do educador popular saíram de Limoeiro-PE, para a Cidade de Olinda-PE para que os filhos pudessem estudar, ter uma formação melhor, pois naquele tempo Olinda e Recife eram cidades mais desenvolvidas e a educação era um elemento essencial para que os filhos tivessem mais oportunidades.

O apoio, o incentivo, a tradição e a fé professada pela família de Nonato, são elementos que estimulam os filhos a seguirem o caminho orientado pelos pais. Mas, por outro lado, pode existir outros fatores, implícitos ou explícitos que, segundo Tagliavini (2006, p. 48), podem ser considerados para analisar o estímulo dos pais para que os filhos sigam a vocação sacerdotal, pois:

[...] pelo menos um terço ou mais do total das vocações procede de famílias modestas e muito menos dos meios urbanos e das classes altas, meios em que outras carreiras seriam mais aliciantes por seu prestígio e suas compensações materiais. [...] isso se pode explicar pela piedade existente no meio da família rural, o desejo de segurança e ascensão social, o ensino barato ou gratuito oferecido pelos seminários por meio de bolsas mantidas por católicos de recursos ou pela Obra das Vocações Sacerdotais. [...].

Para Tagliavini (2006), a origem familiar, a possibilidade de ascensão social são desejos, implícitos ou não, que a família pode almejar, para além da vocação sacerdotal intrínseca no garoto. Sendo que o seminário pode ser um ambiente propício para proporcionar a ascensão social do seminarista e seus parentes.

No percurso de sua formação sacerdotal, Nonato permaneceu durante 6 anos no Seminário da Várzea, em regime de internato, seguindo a tradição religiosa professada pela família. No desenvolvimento da biografia, foi possível notar que a influência da família era elemento indispensável para Raimundo Nonato ingressar no seminário precocemente, pois o sonho de ter o filho padre, de seguir a vocação era o objetivo dos pais:

[...] Para muitos, a vocação sacerdotal surgiu [...] num clima de união familiar sustentada pela autoridade patriarcal, onde o rigor é a regra de conduta. Para muitos seminaristas, toda essa pobreza que trazia dificuldades de sobrevivência, aliada à rigidez de costumes familiares, pautados no primeiro catecismo da doutrina cristã, sob o signo do medo e do castigo de Deus e do Inferno, a ida para o seminário menor aos 10-11 anos de idade, pode ter significado um ato de libertação, melhoria de vida ou, pelo menos, tornou mais fácil suportar e aceitar o processo de condicionamento. (TAGLIAVINI, 2006, p. 49).

Segundo Tagliavini (2006), o ambiente familiar e os estímulos recebidos são propícios para desencadear nos filhos o desejo, o sonho idealizado pelos pais. No entanto, nem sempre aquilo que é idealizado pelos pais converge com o interesse dos filhos e às vezes seguir aquilo que a família almeja pode ser interiorizado como uma aceitação temporária, um condicionamento.

No tempo em que Raimundo viveu no seminário, conviveu com João Batista Magalhães Sales.

Na entrevista, João Batista Magalhães Sales relatou como conheceu Nonato:

Eu conheci Nonato em 1963, quando visitei Recife com outros colegas e com o propósito de conhecer não só reconhecer, eu já conhecia, mas reconhecer Recife e encontrar seminaristas de outros seminários também e aí encontramos na Cidade da Várzea, é o Seminário Menor de Recife o Nonato lá. Lembro bem quando o conheci, ele tocava teclado na celebração e chamou atenção como ele tocava com muita versatilidade, muita, muita arte [...]. Aí nos conhecemos e foi o primeiro conhecimento [...].

[...] Então conheci Nonato assim, então no dinamismo da vida, nos ideais comuns, nos projetos comuns e por música também, ele gostava de música, eu gosto também, ele tocava teclado eu também tocava. [...].

No depoimento de João Batista Magalhães Sales, é possível perceber o estreitamento dos laços de amizade, do companheirismo que foi sendo construído a partir das experiências compartilhadas com Raimundo Nonato de Queiroz.

Segundo João Batista Magalhães Sales, a relação de amizade com Raimundo teve início “[...] a partir de 65, pelo mesmo grau de estudos que tínhamos, entramos juntos no Seminário de Olinda, pra fazer filosofia, daí foi só crescendo o conhecimento, éramos parceiros de turma, alunos do velho Seminário de Olinda [...]”. Pode-se dizer que, a instituição formadora, era um dos espaços comuns entre os amigos e que contribuiu para estreitar a amizade.

João Batista Magalhães Sales foi amigo de turma de Raimundo Nonato de Queiroz no Seminário Menor de Olinda-PE e pode descrever como foi Nonato na época do seminário:

Olha, Nonato entre nós foi sempre uma referência intelectual muito sólida, tinha uma cabeça muito boa e preparada. É todos os aspectos de formação de ideias, na exposição das ideias, também numericamente falando né, bom de conta, bom em matemática [...] ele tinha agilidade muito grande [...] no raciocínio e era brilhante na sua intelectualidade, né, sempre foi, sempre, e continua sendo isso [...].

Então Nonato era o aluno que ele era. Era de um aproveitamento, ele bebia assim das fontes, né. Ele gostava de estudar muito e trabalhava, ensinava também, tinha ideias muito claras e sabia discernir também, às vezes, me era muito útil nesse sentido de isso é besteira, vai por aí não que vai quebrar a cara, eu dizia òh aprendesse bem com Comblin, num foi? Mas era muito bom, muito. Não tinha assim... Não era pavoneamento. Ele era o que era, da natureza dele, era muito capaz, Nonato, muito capaz mesmo. (João Batista Magalhães Sales).

Segundo João Batista Magalhães Sales, Nonato já se destacava no seminário por sua capacidade intelectual, por transmitir com qualidade e excelência o conhecimento adquirido. Pelo depoimento do ex-seminarista, percebe-se que o educador popular se dedicava aos estudos, para ter uma formação de qualidade. Outro elemento importante de observar é que o desenvolvimento cognitivo do educador representa a dedicação, o estudo diretamente das

fontes, mas também o acúmulo de saberes é reflexo das trocas de experiências com outros sujeitos, no ambiente em que estava inserido.

Para corroborar com a narrativa do amigo de Raimundo será analisado o desempenho escolar do educador popular no Seminário da Imaculada Conceição, na Várzea-PE, referente ao 1º ano do colegial, no ano de 1963. O boletim serve como uma referência, não é o elemento essencial, mas reflete o desenvolvimento cognitivo de Raimundo no decorrer desta etapa de estudos.

Figura 4 - Boletim do 1º ano colegial.

Seminário Arquidiocesano da Imaculada Conceição
VÁRZEA - PERNAMBUCO

BOLETIM

O aluno Raimundo Nonato de Queiroz
matriculado no 1º ano regul obteve as seguintes notas no
mês de maio

CURSO GINASIAL

| | |
|----------------------------------|-----|
| Doutrina Cristã | 8,5 |
| História Sagrada | |
| Apologética | |
| Latim | 6 |
| Português | 8,5 |
| Grego | 6 |
| Francês | 6 |
| Italiano | |
| Inglês | |
| Alemão | |
| Matemática | 10 |
| História do Brasil | |
| História Geral | 8,5 |
| História Natural <u>Biologia</u> | 7,5 |
| Física | 8,5 |
| Química | 8 |
| Geografia | |
| Corografia do Brasil | |
| Cosmografia | |
| Desenho | |
| Canto e Música | |
| Comportamento | |
| Civilidade | |
| Aplicação | |
| Saúde | |

OBSERVAÇÕES

Várzea, 14 de Junho de 1963
João José de Queiroz Diretor

Fonte: Memorial Raimundo Nonato de Queiroz.

A imagem anterior reforça a análise do percurso educativo de Raimundo Nonato no Seminário da Imaculada Conceição-PE, durante o curso ginasial. O boletim de 1963 informa o desempenho do aluno Nonato através das notas obtidas nas disciplinas de Doutrina cristã, Latim, Português, Grego, Matemática, História Geral, História Natural, Física e Química.

Observando a nota da disciplina de matemática, pode-se verificar a afirmação que o amigo de Nonato fez quando mencionou o desempenho do educador popular, pois a nota

máxima (10,0) aponta a aptidão de Nonato para o raciocínio lógico, a resolução de problemas e uma intelectualidade expressiva.

Considerando o cenário educacional da década de 1960, a educação brasileira precisa se adequar aos moldes da sociedade urbano-industrial que emerge com a industrialização, provocando uma mudança significativa na formação dos indivíduos. Com essa realidade o currículo deve ser planejado para preparar, qualificar os sujeitos para trabalhar nas fábricas que surgem com o sistema capitalista.

Para Zotti (2002, p. 74):

[...] A busca de equilíbrio entre formação humanista e científica, historicamente debatida, com a LDB/61 se concretiza, o que evidencia que a organização do ensino e curricular são adequadas ao contexto sócio-econômico-político, especialmente no sentido de garantia dos interesses dominantes.

Segundo a afirmação da autora (2002), o currículo e o ensino da década de 1960 são condizentes com a realidade de seu tempo, com a demanda econômica, política, social e capitalista. O processo educacional está correlacionado com a questão econômica de um país, refletindo as aspirações de um paradigma de sociedade urbano-industrial em ascensão.

Nesse processo de transformação, o ser humano precisa se ajustar às exigências do contexto em que está inserido, por isso, o inacabamento é um elemento que nos identifica e nos diferencia de outras espécies viventes, como os animais, por exemplo. O inacabamento e o meio natural em que o indivíduo está inserido vai moldando, ressignificando sua forma de interpretar o mundo, de decodificá-lo e de externar seus valores e crenças.

A bagagem de conhecimentos que cada sujeito adquire é o resultado das experiências compartilhadas com o outro, seja no ambiente familiar, escolar ou profissional. Segundo Ferrarotti (1991, p. 174), a relação com o outro, nas esferas sociais implica que:

Cada indivíduo não totaliza directamente a sociedade inteira, ele totaliza-a por meio do seu contexto social imediato, os pequenos grupos de que faz parte; nestes grupos são, por seu turno, agentes sociais activos que totalizam o seu contexto, etc. De modo similar, a sociedade totaliza cada individualidade específica por meio das instituições mediadoras que focalizam esta sociedade no indivíduo com crescente especificidade [...].

Conforme a citação acima (1991), o contexto social, cultural, político e religioso vai delineando o sujeito e a relação com o outro vai interferindo na construção da subjetividade, da individualidade, deixando as marcas de seu tempo presente. Com Raimundo Nonato de Queiroz não foi diferente, a relação com o outro, aqui mais especificamente com o professor

de teologia padre José Comblin, foi moldando seu intelecto, sendo percebido pelo seu amigo quando afirma que:

Comblin de certo modo foi o mestre intelectual de nós todos, mais do que qualquer outro. Houve outras influências na verdade, mais assim, na genealidade, na percepção, na intuição, na previsão das coisas do futuro e do presente e no questionamento profundo das coisas era Comblin.

[...] Nonato percebeu muito isso, ele e Ivan foram os que mais assimilaram essa intelectualidade de Comblin. Eu aproveitando na medida do possível, enquanto estudante a reflexão da fé, da teologia [...] (João Batista Magalhães Sales).

Decerto, as relações humanas vão interferir na nossa visão de mundo, de religião, de sujeito e de sociedade. Com o tempo as potencialidades cognitivas, sociais, culturais, religiosas e políticas vão sendo ampliadas, pois a prática vai delineando/aperfeiçoando a individualidade, isso se o sujeito estiver num ambiente favorável para ampliar seu ponto de vista de forma crítica, sendo protagonista da própria história, foi o caso de Raimundo Nonato de Queiroz.

No percurso educativo, Raimundo Nonato iniciou o curso ginásial no Seminário da Várzea e concluiu o 2º grau, chamado na época clássico, nos anos de 1959 a 1964. Nesse cenário, a partir da década de 1960, com o processo de industrialização e urbanização se intensificando, o Brasil atravessava uma instabilidade política e econômica. “A elevada inflação da época e a instabilidade do quadro político favoreciam a pregação da direita, junto às classes médias [...]. A inflação pulava de 30%, em 1960, para 74%, em 1963”. (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1985, p. 58). Buscava-se o avanço econômico do país, estimava-se retirar os corruptos do poder e extinguir, ainda que no discurso, na base ideológica, as mazelas dos governos ditatoriais anteriores.

Na década de 1960, ocorreram reivindicações por reformas defendidas por alguns setores da sociedade civil. Tais reivindicações caracterizam as chamadas Reformas de Base articuladas pelos movimentos sociais que almejavam por reformas: educacional, agrária, bancária, política, urbana, dentre outras no período de liberdade democrática que antecede a Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Neste quadro, eclode na sociedade brasileira e, também, no mundo, questionamentos em relação ao *status quo*. O país estava em desenvolvimento econômico e os grupos detentores de poder articulavam todos os recursos disponíveis para construir o Brasil-potência.

Na política, a efervescência e instabilidade no país se apresentou quando Jânio Quadros tomou posse da República em janeiro de 1961 e, em agosto do ano em curso, renunciou ao cargo. Em seguida, o país foi marcado por incertezas, no sentido de que o vice-

presidente João Goulart deveria assumir a presidência, o que gerou desconfiança para a ala conservadora que não era adepta às reformas de base defendida por Goulart que tinha um viés populista, pois se distanciava dos anseios da elite que também temia o comunismo.

A situação do Brasil era crítica, pois era necessário estimular o crescimento econômico, controlar a inflação e realizar as reformas de base. Diante da instabilidade e do descontentamento, alguns segmentos da sociedade brasileira se posicionam num clima mais intenso, demonstrando a efervescência do período:

Houve então uma inédita convergência de movimentos sociais. Articularam-se trabalhadores urbanos e rurais, camponeses, estudantes, intelectuais e artistas, graduados das Forças Armadas e das polícias militares. Cada setor defendia as próprias reivindicações, mas com o passar do tempo, formulou-se um programa abrangente, as chamadas *reformas de base*. (REIS, p. 78, 2014, Grifo do autor).

Segundo Reis (2014), o modelo político e econômico adotado pelo governo brasileiro não convergia com os interesses da classe proletária. E as reformas seriam indispensáveis para construir um país mais justo e democrático, contando com a participação de vários segmentos da sociedade brasileira que estavam exercendo sua cidadania, ou pelo menos lutando para que ela fosse garantida.

Dentre as reivindicações, a luta da população camponesa foi pela garantia dos direitos de primeira geração: liberdade, igualdade perante a lei, direito à vida e a propriedade. Para estimular o crescimento econômico, seguindo o viés populista, e agindo de maneira mais justa, era necessário pensar numa distribuição de renda que diminuísse as desigualdades sociais e permitisse uma maior participação popular na questão social, política e econômica.

A Reforma Agrária seria o elemento central para a descentralização da posse de terras, e efetivação dos direitos sociais. A “reforma agrária é um programa de governo que busca democratizar a propriedade da terra na sociedade e garantir o seu acesso, distribuindo-a a todos que a quiserem fazer produzir e dela usufruir”. (CALDART, 2012, p. 659).

A reforma agrária seria um marco legal indispensável para amenizar a distribuição desigual de terras e de produção, era uma forma de garantir o acesso à terra para homens e mulheres que tiveram seus direitos básicos negados e violados historicamente. “Com base na definição de Reforma Agrária e nas tipologias ocorridas nas experiências históricas dos povos, pode-se concluir que no Brasil nunca houve um processo de Reforma Agrária”. (CALDART, 2012, p. 665).

No Brasil, a luta dos sujeitos do campo foi (e continua sendo) pela efetivação de políticas públicas que atenda suas necessidades, anseios, desejos e seu contexto cultural, social, econômico, político e religioso.

Relacionando o cenário da década de 1960 e a etapa formativa de Raimundo Nonato, segundo as informações obtidas, o educador popular participou dos círculos de cultura e alfabetização de adultos organizados e coordenados pelo educador Paulo Freire em Recife no ano de 1963 a 1964.

Segundo o João Batista Magalhães Sales, que estudou filosofia na mesma instituição e turma que Raimundo Nonato de Queiroz, como afirmado antes, “[...] tivemos a honra de fechar o Seminário, foi a última turma, e abrir o Seminário Maior em Camaragibe [...]”.

A narrativa de João Batista Magalhães Sales confirma o percurso de formação seminarística de Raimundo Nonato de Queiroz no período de 1965, quando iniciou o curso de filosofia e foi transferido para o Seminário Regional do Nordeste, em Camaragibe-PE. Sendo que a turma que Nonato estudou foi a última do Seminário que encerrou as atividades educacionais.

No período de formação seminarística do educador popular, a conjuntura do Brasil no início da década de 1964 elucida um país com o embasamento necessário para usufruir uma democracia, embora ainda precoce, que estava sendo ponderada com a Constituição de 1946. No entanto, no primeiro semestre do ano corrente, a efervescência política, ideológica e econômica delineou outro rumo para a sociedade brasileira.

Sem hesitar em usar a força, os golpistas de 1964 preocuparam-se com sua legitimidade. O golpe foi dado em nome da democracia, supostamente ameaçada. O regime instaurado jamais se assumiu como ditadura, no máximo como ‘democracia relativa’. Sempre se preocupou em manter uma fachada democrática [...]. (RIDENTI, 2014, p. 18).

Nesse cenário da década de 1960, com a instabilidade política e a alta da inflação como mencionado antes, a Ditadura Civil-Militar no Brasil foi instaurada com o Ato Institucional N° 1, de 9 de abril de 1964.

No contexto mundial, a Guerra Fria demonstrava a acirrada disputa entre as grandes potências: Estados Unidos e União Soviética, caracterizando um mundo bipolar, dividido entre países do bloco capitalista (Estados Unidos) e socialista (União Soviética). A disputa entre esses países/blocos e o modelo de política adotado foi refletido em outros países, a exemplo do Brasil.

No Brasil, a Ditadura Civil-Militar vai se impondo como regime político centralizado paulatinamente com prisões, cassações de líderes políticos, tortura, desaparecimentos, perseguição aos setores que eram contrários ao governo instaurado (de forma indireta e com o apoio das Forças Armadas e alguns segmentos da sociedade civil).

[...] Foram realizadas prisões, intervenções em sindicatos e movimentos populares, cassações, expulsão de funcionários civis e militares de seus cargos, abertura de inquéritos policial-militares e toda sorte de violência e humilhação contra os adeptos do governo deposto, e até alguns assassinatos. (RIDENTI, 2014, p.19).

Nessa lógica, a farsa instaurada deveria ser corroborada e aceita política, institucional e devidamente legalizada, nisso é decretado o Ato Institucional N° 2, que afirma o problema a ser enfrentado a nível nacional. “A Revolução é um movimento que veio da inspiração do povo brasileiro para atender às suas aspirações mais legítimas: erradicar uma situação e um Governo que afundavam o País na corrupção e na subversão”. (BRASIL, 1965).

No início da Ditadura Civil-Militar, Raimundo Nonato de Queiroz cursou filosofia em Camaragibe-PE, no ano de 1965, no Seminário Regional do Nordeste.

Segundo o amigo João Batista Magalhães Sales, no ano de 1967, ele, Raimundo Nonato e outros estudantes-seminaristas, realizaram um ano de interrupção de estudos, “[...] entre a filosofia e a teologia pleiteamos um ano de trabalho de vida inserida no meio do povo, das periferias de João Pessoa, isso foi em 67 [...]”.

A pausa nos estudos de filosofia durou um (1) ano e nesse período todos tinham que trabalhar para sobreviver, pois a ideia de ir para a periferia, em João Pessoa, segundo o ex-seminarista João Batista Magalhães Sales, era “ganhar a vida”.

Associando o ano de interrupção de estudos de filosofia que Raimundo Nonato fez parte no ano de 1967, no Brasil, o cenário político deveria atender a demanda do sistema de governo vigente, que em 15 de março de 1967 outorgou uma nova Constituição. A nova Carta Magna tinha os moldes do regime militar, segundo o artigo 76, a eleição para presidente da República era indireta, pois deveria ocorrer mediante Colégio Eleitoral, deixando cada vez mais nítido o centralismo político do período.

Apesar do caráter de intimidação, repressão, perseguição a líderes políticos, fechamento temporário do Congresso Nacional, cassação de mandatos, dissolução dos partidos políticos com o Ato Institucional n° 2, dentre outras intervenções militares, o governo de Castelo Branco é considerado por alguns historiadores como um período

“brando”. Porém, cabe destacar que, durante todo o período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), houve a violação dos direitos humanos.

Na formação seminarística, Raimundo iniciou o curso de Teologia pelo Instituto de Teologia do Recife (ITER), no ano de 1968. No ano em curso, as circunstâncias políticas no Brasil eram preocupantes, pois estávamos no ápice da Ditadura Civil-Militar. O regime ditatorial foi consolidado com o Ato Institucional nº 5, que foi ao extremo, dando ao presidente da República poderes plenos para restringir os direitos individuais e coletivos. Nesse quadro, no ano de 1968, Raimundo Nonato de Queiroz e outros seminaristas vão delineando um trabalho para ser desenvolvido na realidade camponesa que ficou conhecido como Teologia da Enxada, que será descrito no capítulo seguinte.

2.1.2.1 Formação seminarística e o trabalho de inserção entre os grupos populares

Como mencionado antes, Raimundo Nonato de Queiroz, desde a infância, foi estimulado a estudar e seguir a vocação sacerdotal.

No que se refere à prática profissional, segundo João Batista Magalhães Sales, em 1967, Raimundo desempenhou um trabalho de vida inserido no meio do povo, nas periferias de João Pessoa. O trabalho desenvolvido foi referente a um ano de interrupção dos estudos de filosofia, como apontado antes e contou com a participação de outros seminaristas: João Almeida, João Batista Magalhães Sales, Célio Borba e Ivan Targino Moreira.

A atividade de estudante de seminário desenvolvida por esse grupo, do qual Nonato fez parte, era uma forma de ter uma aproximação com a realidade do povo. Segundo o amigo de Nonato, a vivência do grupo tinha um objetivo “éramos cinco inseridos no Rogers, em João Pessoa, numa casa cedida por um amigo padre e aí ficamos um ano tirocínio de trabalho para ganhar a vida. Era essa nossa ideia: ganhar a vida”, informou João Batista Magalhães Sales.

O relato de João Batista Magalhães Sales demonstra o envolvimento de Raimundo Nonato de Queiroz em grupo popular desde sua formação no seminário, de inserção na realidade do povo, na periferia, sempre na perspectiva de ficar ao lado dos excluídos, dos menos favorecidos. Como o intervalo de estudo da filosofia tinha como objetivo ganhar a vida, os seminaristas tiveram que conseguir um emprego e trabalhar. É no ano de 1967, que o educador exerce atividades laborais voltada para o uso da força, das habilidades físicas:

[...] Nonato foi trabalhar numa fábrica, numa fábrica de móveis, ele e João. E era o tempo da ditadura, evidentemente que, como eles eram, tinham um perfil de estudantes, **é o dono da fábrica suportou por uns meses**, por dois meses, **depois mandou embora porque ele sofreu que eles eram subversivos**. Na época tudo que cheirava a novidade era subversão. (João Batista Magalhães Sales, Grifos nosso).

A narração do ex-seminarista expressa a tentativa de Raimundo Nonato e outro colega estudante-seminarista para ter uma independência financeira e sobreviver no Rogers, em João Pessoa-PB. No entanto, a conjuntura do regime militar incidiu diretamente na desconfiança do dono da fábrica que demitiu os seminaristas por temer o perfil deles de estudantes, que foram vistos como subversivos. Embora o objetivo de Nonato e dos demais colegas fossem apenas trabalhar para garantir a sobrevivência do grupo, o regime ditatorial interrompeu de forma direta a permanência dos seminaristas no trabalho da fábrica.

Trabalhar numa fábrica de móveis propiciou a Raimundo Nonato de Queiroz uma oportunidade para tentar desenvolver as habilidades manuais e físicas, pois o educador foi trabalhar num ambiente que exigia o físico. Mas, segundo João Batista Magalhães Sales, Nonato possuía habilidades voltadas para o uso do intelecto, como já referenciado.

Bom, sobre experiências profissionais. Não. Ele nunca desenvolveu, nunca desenvolveu uma experiência profissional além da intelectual, né, que movesse pelo intelectual. Não. Não. Que eu me lembre não. Não tinha, não tinha habilidade, isso aí ele não tinha, habilidade manual com as coisas. [...].

Ainda segundo João Batista Magalhães Sales, o trabalho realizado por Nonato na fábrica de móveis não teve rendimento, e dentre outros elementos que serão comentados posteriormente, Nonato perdeu o emprego.

Nonato “não tinha habilidade pra isso não. [...] Uma das desculpas de ter sido expulso da fábrica era que não tava rendendo. [...] Nonato não tinha muito esse desembaraço pros trabalhos manuais não”, aponta João Batista Magalhães Sales.

Nonato não possuía desenvoltura para a execução de trabalhos que exigissem o esforço físico e, provavelmente, a doença de Parkinson já estava sendo notada nessa fase da vida. João Batista Magalhães Sales comenta sobre essa questão, que também pode ter influenciado na demissão do educador popular da fábrica de móveis, pois Nonato “não gerou muito rendimento no serviço”:

[...] Dizia até como ele tinha já naquele tempo, uma mão insegura ele tremia as mãos, não dava pra perceber muito, mas sobretudo quando ele ficava muito agitado a mão dele tremia e a gente brincava com ele, e ele dizia assim, olha a minha profissão vai ser relojoeiro. Aí a gente dizia, mas como? Relojoeiro tem que acertar

com precisão uma pecinha miúda do relógio e ele dizia: com as mãos. É pra relógio de igreja que os ponteiros são menos, eu posso tremer como for mas consigo acertar.

De acordo com João Batista Magalhães Sales, a doença de Parkinson provocou limites no desenvolvimento das habilidades manuais do educador popular. Mas independente das limitações físicas, Nonato buscava estratégias para melhor conviver com a patologia e não desistiu de procurar outro trabalho.

Ainda no ano de 1967, após ter sido demitido da fábrica de móveis: “Nonato teve que procurar outro trabalho e ganhou um trabalho inverso, desse do Banco do Brasil por conhecimento de amigos, ele trabalhou um ano, esse ano no Banco do Brasil”, comentou João Batista Magalhães Sales.

Então, de acordo com as informações obtidas, as experiências profissionais de Nonato que envolveram o trabalho físico foram apenas duas: na fábrica de móveis e no Banco do Brasil. Mas, o objetivo dessa opção de trabalho eclesial foi, segundo as palavras de João Batista Magalhães Sales, a:

Inserção. Nós íamos pra João Pessoa, interrompendo como eu falei no início em transição entre o curso de filosofia que acabamos e o curso de teologia que íamos começar, **nós optamos por passar o ano fora da formação eclesial oficial isso em virtude de que desejávamos nos tornar mais próximo dos mais afastados, dos mais pobres.** É a opção da época, era uma linha de frente da igreja católica de inserção, não só comunidades religiosas, mas era o nascimento das comunidades eclesiais de base e aí **o tempo do trabalho dos padres operários, do trabalho com os camponeses.** Então era aquele florescimento de iniciativas em direção aos mais pobres. **Então a gente sentiu que para entrar nessa inspiração do tempo em que fomos beneficiados de vivê-la seria bom também a gente dar um testemunho.** Já que veio para João Pessoa a gente viver do trabalho. (Grifos nosso).

João Batista Magalhães Sales expõe na citação acima a realidade do ano de 1967, no Brasil que teve influência das questões a nível mundial. Importante considerar que o contexto no país era ditatorial, mas na Igreja havia um movimento de renovação, de aproximação dos excluídos e marginalizados. Tal movimento teve como precursor na Igreja Católica liderada pelo Papa João XXIII.

Em 25 de janeiro de 1962, o Papa anunciou a convocação para o Concílio Vaticano II.

O Concílio Vaticano II seria um importante momento ao propor outra visão para a sociedade, talvez mais sensível as questões sociais, política e econômica que era notada no mundo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), resultante da bipolarização e da disputa de poder entre os blocos de países capitalistas e socialistas.

A formação seminarística de Raimundo Nonato de Queiroz esteve em consonância com o movimento de renovação interna e externa da igreja católica. No final da década de

1950, ocorre o anúncio do Concílio Vaticano II e, no início da década de 1960, foram realizadas conferências para discutir as questões do seu tempo presente e delineando outra forma de ser Igreja.

Na Encíclica *Ecclesiam Suam* fica explícito os três pensamentos da Igreja: aprofundar a consciência da própria instituição, ter uma renovação e ter uma aproximação, gerar um diálogo com o mundo. Essa mentalidade que propõe o diálogo, a renovação e a consciência de si mesma, rompem, de certa forma, com o modelo tradicional da Igreja Católica.

É com esse novo “jeito de ser” da Igreja Católica que Raimundo Nonato e os demais seminaristas se inserem nos grupos populares para sentir seus anseios, ouvir desejos, para dar testemunho de vida.

O movimento de inserção, do trabalho de padres operários e com os camponeses, como citado por João Batista Magalhães Sales, deram impulso para viver uma formação eclesial para além da instituição formadora (seminário) que tradicionalmente era voltada para o aprofundamento dos estudos bíblicos, meditações, orações, tendo pouca aproximação com a realidade do povo, que posteriormente seriam as ovelhas que os padres deveriam orientar, conduzir espiritualmente.

De acordo com as informações obtidas, Raimundo Nonato de Queiroz possuía uma certa facilidade em executar atividades que envolvesse a cognição, o intelecto, por isso, de 1976 a 1979, Nonato foi professor de Cultura Religiosa na Faculdade de Filosofia de Caruaru-PE.

No ano de 1981 a 1996 atuou no Centro de Formação Missionária (CFM), sendo o fundador e coordenador responsável pelos estudos dos alunos do Centro de Formação Missionária, e exercendo atividades como: encontros de formação com os professores do Centro de Formação Missionária; acompanhamento periódico a cada três semanas dos alunos das equipes de estudo teológico.

Trabalhou, ainda, no Programa Formação de Animadores de Comunidades de Base no ano de 1984 a 1998.

Grande parte da vida de Raimundo Nonato de Queiroz foi dedicada ao trabalho com o povo, entre os grupos populares, na formação humana. O educador encerrou as atividades um ano antes de sua morte, devido a doença de Parkinson que apresentou um agravamento em seu quadro de saúde.

3 RAIMUNDO NONATO DE QUEIROZ E A TEOLOGIA DA ENXADA

3.1 Primórdios da Teologia da Enxada (1969-1971)²

No percurso da formação no seminário católico, Raimundo Nonato de Queiroz iniciou, em 1968, o Curso de Teologia, no Instituto de Teologia do Recife (ITER), na Cidade de Recife-PE. Para além dos estudos teóricos no Instituto de Teologia do Recife, Nonato e o amigo João Batista Magalhães Sales foram incentivados por outro colega a viver uma formação eclesial atrelada à realidade do povo brasileiro, na perspectiva de ter uma aproximação e conhecer a realidade camponesa. “Fizemos um ano, e depois desse ano nos veio a inspiração por um outro irmão Ivan que tinha sido nosso companheiro para irmos experimentar a Teologia da Enxada”, comenta João Batista Magalhães Sales.

De acordo com o relato de João Batista Magalhães Sales, o estímulo inicial para atuar na realidade camponesa veio do amigo Ivan Targino Moreira, ainda no ano de 1968, que naquele ano tinha interrompido sua formação e foi para o sertão, mas sempre se comunicava com os amigos: “[...] ele nos escrevia dizendo que vocês estão alienados aí em Recife, vem pro interior ver a cara do povo, como é que vocês vão ser padre [...] estudando numa universidade, tem que conhecer o povo nas bases”. Pode-se perceber o estímulo para ampliar a formação teológica e de filosofia no seminário de maneira empírica, sentindo e vivendo os interesses, as potencialidades, desejos e angústias da realidade camponesa.

Partindo da afirmação do parágrafo anterior, a Teologia da Enxada seria uma oportunidade para desenvolver um trabalho eclesial inseridos no meio do povo, conhecendo suas reivindicações, suas lutas.

Ele mexeu, mexeu e conseguiu nos convencer e era uma via possível, orientados, por padre René Guérre que era nosso orientador animou a gente. E aí, a gente foi preparando essa possibilidade, **finalmente formamos um grupo e esse grupo, são os primórdios da Teologia da Enxada.** (João Batista Magalhães Sales, Grifos nosso).

A partir daí os estudantes-seminaristas do Instituto de Teologia do Recife, se organizaram para desenvolver o trabalho de teologia inseridos entre os grupos populares que habitavam o campo.

² O título *Primórdios da Teologia da Enxada* surgiu durante a entrevista com o ex-seminarista João Batista Magalhães Sales, no dia 07/01/2022, em João Pessoa-PB.

Correlacionando o ano de estudos acadêmicos de teologia em 1968, no Instituto de Teologia do Recife com as questões a nível nacional, identifica-se que o país estava no momento mais repressivo da Ditadura Civil-Militar.

No Ato Institucional N° 5, de 13 de dezembro de 1968, decretado pelo general Costa e Silva, o Artigo 2° normatiza que o Presidente da República, nas suas atribuições, podia decretar estado de sítio, recesso no Congresso Nacional, Assembleias Legislativas e Câmaras de Vereadores. Pode-se observar que, legalmente, o AI5 se constituía no mecanismo legal utilizado pelos militares para aceitação e imposição de um sistema coercitivo, tendo como aparato o Estado.

A Ditadura Civil-Militar, no país, foi apoiada legalmente com os Atos Institucionais (AI's). Como citado antes, o Presidente da República atuava por meio de Decretos-Lei que favoreciam a permanência dos militares na presidência.

Mas, o regime militar não teve o apoio de grande parte da população. Como afirma Reis (2014, p. 85): “O golpe que instaurou a ditadura em 1964 exprimiu uma heterogênea aliança, reunindo líderes políticos, empresariais e religiosos, civis e militares, elites sociais e segmentos populares”.

É nesse panorama, no final da década de 1960 que os estudantes-seminaristas se preparavam para desenvolver uma prática teológica inseridos entre os grupos populares:

Nós fomos da teologia da enxada, no ano seguinte ao Ato Institucional número 5, foi em dezembro o ato, 13 de dezembro de 68. Com a instituição de um extremamente cruel, ferrenho, muita gente foi presa, torturada, expulsa, a intolerância por toda parte, a espionagem, as delações. E nós fomos, morava no campo e coincidentemente era alguns, havia morado dois anos antes aqui, no Rogers, esse grupo que se inseriu [...]. **Dos cinco que estavam aqui, quatro foram para o campo de duas equipes diferentes.** [...] aí foi o ano para juntar com a história do Brasil, a história contemporânea, os movimentos de esquerda, guerrilhas [...]. (João Batista Magalhães Sales, Grifos nosso).

A partir desta narrativa fica evidente a repressão e a perseguição a setores que se opuseram à Ditadura Civil-Militar no Brasil. É no cenário do uso da força, da tortura e toda forma de violação aos direitos humanos que dois grupos de seminaristas foram para duas Cidades do Nordeste para desenvolver a Teologia da Enxada. Essa vivência final de formação sacerdotal manifesta as relações humanas, política, religiosa e econômica de seu tempo presente, e está em consonância com a história brasileira.

Nessa conjuntura, na disputa pelo poder, em pleno regime ditatorial os militares ensejam outro golpe. No fim de agosto do ano de 1969, quando o então presidente da República, Costa e Silva estava afastado da presidência por motivos de saúde, seu vice, Pedro

Aleixo, que legalmente deveria assumir a presidência, foi impedido de assumir o cargo, por três ministros militares. Nessa circunstância o Congresso Nacional que estava fechado foi reaberto para deferir o general Emílio Garrastazu Médici como presidente da República.

O Governo do General Emílio Médici, teve início em 30 de outubro de 1969. “Até o final do mandato de Médici, seguirá crescendo a imagem do Brasil no exterior como um país de torturas, perseguições, exílios e cassações”. (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, p. 63, 1985).

No Governo Médici (1969-1974), houve a ampliação do cerceamento das liberdades democráticas, violência, exílio e perseguição política. Pode-se dizer que foi a fase mais repressiva por ter utilizado instrumentos de coerção, tais como a tortura, o assassinato aos opositores políticos, os desaparecimentos e as condenações, tendo como fundamento legal e discursivo a necessidade de manter a ordem social no país, mesmo que pela força. É, nesse contexto histórico, político, social e religioso que Raimundo Nonato de Queiroz e outros estudantes-seminaristas, orientados pelo Padre belga José Comblin, vão para duas (2) cidades do Nordeste brasileiro desenvolver um trabalho eclesial junto às populações do campo.

3.1.1 Os seminaristas e a Teologia da Enxada (1969-1971), na Cidade de Tacaimbó-PE

No final da década de 1960, na região nordeste do Brasil, dois (2) grupos de estudantes-seminaristas, do Instituto de Teologia do Recife, orientados pelo padre José Comblin - coordenador da equipe - foram para duas (2) cidades desenvolver e viver uma prática eclesial inserida na realidade camponesa. As cidades eram Tacaimbó-PE e Salgado de São Félix-PB.

Sobre Pe. Comblin, o ex-seminarista João Batista Magalhães Sales comenta:

Comblin foi nosso professor desde o primeiro ano de filosofia, ele havia chegado [...] no Brasil, chegou em 58 [...]. ele estava no Brasil, então ele tava em São Paulo veio para o Nordeste trazido por Dom Helder Câmara que era bispo de Recife, arcebispo profético e o Dom Helder trouxe Comblin para o Brasil, para o Recife. Ele tinha chegado em São Paulo e aí entrou Comblin, entrecruzou-se com a nossa história. [...].

Diante do exposto, um protagonista que foi bastante relevante para a Teologia da Enxada foi o padre belga José Comblin, idealizador da prática voltada para inserção entre os grupos populares. Como afirma João Batista Magalhães Sales, o Pe. Comblin veio para o Brasil, com destino à cidade do Recife-PE e a convite de Dom Helder Câmara.

No Recife-PE, o padre belga atuou como professor do Instituto de Teologia do Recife (ITER) entre 1969-1971, sendo o mentor da Teologia da Enxada.

O Pe. Comblin é natural de Bruxelas-Bélgica, veio ao Brasil em 1958. Atuou em Campinas-SP, no ano de 1962, como assessor da Juventude Operária Católica e como professor.

No ano de 1972, o Pe. Comblin foi expulso do país devido a Ditadura Civil-Militar³.

No registro iconográfico abaixo está Raimundo Nonato e seu professor belga Pe. Comblin.

Figura 5 - Raimundo Nonato e Pe. José Comblin



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Aparecida Félix de Queiroz.

O exílio do padre belga no Chile, demonstra o desrespeito com o ser humano, de forçá-lo a sair de um país por meio de um regime ditatorial, coercitivo.

Apesar de ter sido exilado em outro país, Raimundo teve encontros de formação com Pe. Comblin quando viajava para o exterior. Um deles foi em Buenos Aires-Argentina, no ano de 1976.

Outra forma de comunicação, entre Nonato e o Pe. Comblin, foi através de cartas que o padre belga enviava para Nonato, na qual relatava suas angústias, situação de vivência, perspectivas com o fervente desejo de ver nascer uma nova Igreja Católica, com preferência aos menos favorecidos, os que tiveram suas vozes silenciadas.

Na correspondência entre Nonato e o Pe. Comblin, é possível analisar a tensão política no Brasil devido a Ditadura Civil-Militar que perseguia grupos religiosos, políticos e

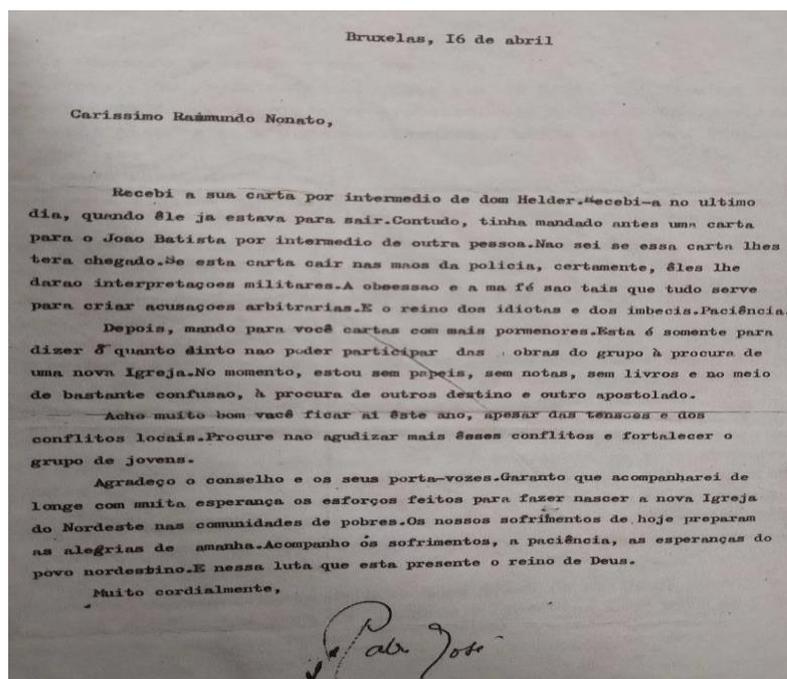
³ Fonte: UNICAP - Centro de Pesquisa e Documentação José Comblin. **Linha do Tempo**, Recife. Disponível em: <<http://www.unicap.br/comblin/linha-do-tempo/>>. Acesso em: 07 jan. 2022.

estudantis, organizações sociais, e toda forma ideológica que defendesse um paradigma social distinto do que era disseminado pelos ditadores.

Tendo em vista as formas de comunicação encontrada pelo aluno e seu professor e mentor, considerando os limites impostos pelo regime ditatorial, tal ação pode ser considerada, segundo Certeau (1998, p. 100), como *tática*: “A tática não tem por lugar senão o do outro. [...] não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de precisão e de convocação própria: a tática é movimento [...]”.

Certamente, Raimundo e Comblin desenvolviam *táticas* para lidarem com a situação do seu tempo presente, pois o segmento católico progressista foi perseguido pelo regime militar, por se opor, as formas cruéis, violenta e desumana do governo brasileiro⁴. Vale reiterar que no início da instauração do regime ditatorial, alguns segmentos católicos apoiaram a Ditadura Civil-Militar, porém, no final da década de 1960 “[...] somada às denúncias de desrespeito aos direitos humanos de opositores presos, levou maior parte da Igreja católica a retirar seu apoio ao regime, passando a constituir, nos anos seguintes, um dos principais focos de oposição [...]. (RIDENTI, 2014, p. 21).

Figura 6: Carta de Comblin para Raimundo Nonato de Queiroz



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Aparecida Félix de Queiroz.

⁴ Para melhor compreensão da temática, indicamos a leitura do livro da ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: Nunca Mais**. 5ª ed. Petrópolis, Vozes, 1985.

Nas palavras de Comblin, “Depois, mando para você cartas com mais pormenores. Esta é somente para dizer o quanto sinto não poder participar das obras do grupo à procura de uma nova Igreja”. Foi pela luta e defesa de uma nova Igreja que o padre belga foi expulso do estado brasileiro, por optar pelo povo pobre, os excluídos, por ter sensibilidade pelos injustiçados.

A carta do Pe. Comblin é um documento escrito bastante relevante para investigar um tempo histórico, político e religioso do Brasil. Na carta, o padre relata as implicações do regime militar que interrompeu sua atuação no país com os grupos religiosos.

A correspondência, que foi enviada durante o exílio do padre belga no Chile, relata a perseguição no período ditatorial. “[...] Se esta carta cair nas mãos da polícia, certamente, eles lhe darão interpretações militares. A obsessão e a má fé são tais em tudo que serve para criar acusações arbitrárias. E o reino dos idiotas e dos imbecis. Paciência”., afirma Comblin.

O padre também orientava Raimundo Nonato para agir com prudência na conjuntura em que se encontrava o país. “Acho muito bom você ficar aí este ano, apesar das tensões e conflitos locais. Procure não agudizar mais esses conflitos e fortalecer o grupo de jovens”, recomendava.

Apesar das adversidades, a tática utilizada por Raimundo e Pe. Comblin, elucidada que mesmo em meio a perseguição, ao tempo adverso politicamente, é possível descobrir as lacunas para criar caminhos, oportunidades, maneiras de permanecer aproximado, para manter o foco, o objetivo.

Comblin mantém a fé e a esperança de dias melhores para os brasileiros: “[...] Garanto que acompanharei de longe com muita esperança os esforços feitos para fazer nascer a nova Igreja no Nordeste nas comunidades de pobres. Os nossos sofrimentos de hoje preparam as alegrias de amanhã”.⁵

É nesse clima de tensão e conflitos da Ditadura Civil-Militar que os estudantes-seminaristas do Instituto de Teologia do Recife vão desenvolver uma prática eclesial próxima da realidade dos grupos populares:

Preparamos este ano 68 para os passos seguintes, daí então fomos um grupo, no ano seguinte, fomos pra... um grupo foi pra Salgado de São Félix-PB e o outro para Tacaimbó-PE. [...]. Nonato foi pra Tacaimbó com o grupo mais quatro amigos e eu

⁵ Trechos da carta escrita do padre belga José Comblin para Raimundo Nonato de Queiroz, de Bruxelas em 16 de abril. Na carta, não tem o ano que a correspondência foi escrita. A fonte impressa encontra-se no arquivo pessoal de Maria Aparecida Félix de Queiroz.

fui para Salgado de São Félix, com Ivan [...]. **Então aí começou outro período da Teologia da Enxada.** (João Batista Magalhães Sales, Grifos nosso).

A narrativa do então estudante seminarista que vivenciou a Teologia da Enxada revela os primeiros passos de uma prática voltada para a inserção num ambiente peculiar, o campo.

Os seminaristas do Instituto de Teologia do Recife (ITER), foram divididos em dois (2) grupos, cada equipe foi para uma Cidade. O grupo em que Ramuindo Nonato de Queiroz fazia parte era composto por João Firmino, Francisco Chagas, João Moura e Enoque Salvador. Essa equipe foi para o Agreste de Pernambuco, para a Cidade de Tacaimbó-PE, o outro grupo, do qual João Batista Magalhães Sales era um dos integrantes, foi para a Cidade de Salgado de São Félix-PB.

A chegada dos estudantes-seminaristas nestas duas (2) Cidades do nordeste, gerou uma certa desconfiança na população, tendo em vista o contexto sociopolítico do regime militar no país, como mencionado antes:

Começaram vários atos de guerrilha no Araguaia, na região Amazônica e **nós fomos morar no campo nesse ano, então, aparentemente a ditadura nos associou a essa tendência de, do campo iniciar um movimento subversivo, de guerrilha.** Então fomos todos muito olhados pelas elites com desconfiança, não pela igreja, **a igreja na época estava conosco plenamente,** os bispos que nos apoiaram, nos deram cobertura plena, total, o de João Pessoa, José Maria Pires, Dom Helder que era o de Recife e aqueles que mais nos sustentaram [...]. (João Batista Magalhães Sales, Grifos nosso).

O relato de João Batista Magalhães Sales revela que a participação dos seminaristas foi suspeita nas Cidades devido ao contexto político no país, com a atuação de outros movimentos de guerrilha que se insurgiram contra à Ditadura Civil-Militar. Apesar do clima adverso de repressão, tortura e assassinatos no Brasil, os seminaristas prosseguiram com a Teologia da Enxada, apesar das incertezas que surgiram no decorrer da caminhada:

[...] Mas naquele ano 69, que fomos para Salgado e Tacaimbó, mataram um de nossos colegas padre, jovem padre em Recife. Padre Henrique Pereira Neto, que tinha sido nosso amigo, que era nosso amigo contemporâneo de estudos, adiantado embora, mas e que nos visitava muito aqui no Rogers onde nós morávamos. Ele vinha dá assistência a nós. **Um padre jovem, tinha 27 anos na época. Então ele vinha dá assistência a nós, muito preciosa a presença dele e era auxiliar de Dom Helder, assessor da juventude e a ditadura matou ele, no matagal aí universitária e até hoje não saiu,** não sabe-se quem foi que praticou a morte, os assassinos [...] **É então nesse clima,** isso foi em maio de 69, **estávamos começando a Teologia da Enxada,** com muito entusiasmo, **mas aquela morte do Henrique nos marcou muito e nos chocou muito e todos nós pensávamos: agora seremos nós. Quem será depois dele? Se mataram Henrique que tava na Cidade, imagina nós no campo [...].** (João Batista Magalhães Sales, Grifos nosso).

João Batista Magalhães Sales, relembra acontecimentos específico da história brasileira, manifesta as questões de seu tempo, de quem viveu a Teologia da Enxada e a Ditadura Civil-Militar.

Para Delgado (2003, p. 10):

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro.

A concepção de tempo, em Delgado (2003), demonstra que tal elemento é um constante devir. O tempo não é estático, e interfere diretamente na vida dos sujeitos, na organização da sociedade, nas formas de trabalho, na questão religiosa e política. Nessa linha de raciocínio, João Batista Magalhães Sales é uma fonte-testemunha oral que narra um período da história de vida de Raimundo Nonato de Queiroz.

Tempo e contexto histórico estão entrelaçados, apresentam marcas, reforçam ou descontroem uma concepção de mundo, de sujeito, de educação, de religião e de sociedade:

Assim sendo, o olhar do homem no tempo e através do tempo, traz em si a marca da historicidade. São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história. As análises sobre o passado estão sempre influenciadas pela marca da temporalidade [...]. (DELGADO, 2003, p. 10).

Segundo a autora, o tempo passado traz as marcas de um tempo presente. Mesmo que se encontre no passado, nas lembranças, na memória, fazem parte do presente.

A memória possibilita realizar as representações de um tempo remoto, capaz de projetar acontecimentos, de reviver emoções, medos, incertezas, tristeza, angústia, alegria, dentre outros, e provoca um encontro entre história e memória, indivíduo e sociedade. “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. (LE GOFF, 1990, p. 366).

De fato, a memória é uma forma de voltar no tempo e revivê-lo com as emoções intrínsecas do passado.

3. 1. 2.1 O método da Teologia da Enxada

As circunstâncias econômica, social, cultural, religiosa e política, no Brasil e no mundo - com a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizado em Medellín, na Colômbia em 1968, o Concílio Vaticano II e dentre outros elementos interferiram diretamente na forma da Igreja se posicionar em relação ao povo, ao seu rebanho. Sobre esses desdobramentos, o ex-seminarista João Batista Magalhães Sales comenta:

É a gente aborda, abordou na teologia da enxada e já antes também que era nos anos de mobilização popular. **A gente percebeu que a igreja tinha que tomar uma decisão e se ela não toma uma decisão por decreto e até que tinha esse sonho formados pelo... alguns encontros de bispos, como o famoso documento Medellín que foi na Colômbia que abriu espaços extraordinários para a descida ao povo. Mas a gente sabia que nós mesmos tínhamos que fazer uma opção de que essa virada tinha que ser feita** e aí então, a gente sentiu que a missão da igreja estava se refazendo a partir dessa inserção e que não tinha outra opção a fazer a não ser entrar no esquema de sempre, né, fazer, administrar os sacramentos, que ninguém vai contra isso claro, **mas faltaria um norte para a gente testemunhar o evangelho que era exatamente essa opção pelos pobres [...].** (Grifo nosso).

O ex-seminarista expressa o período histórico em que ocorre uma atuação da igreja mais próxima da realidade social, como exemplifica o documento de Medellín (1968). O desejo do momento era ter uma aproximação dos mais pobres, para isso, além de ter uma formação seminarística e administrar os sacramentos, como João Batista Magalhães Sales mencionou, havia a necessidade de testemunhar, de viver uma prática de evangelização mais próxima a realidade do povo e mergulhar na existência humana.

Vale ressaltar que as nuances não abarcam todos e todas, pois a Igreja é composta por múltiplos sujeitos que possuem formas de pensar, se comportar e uma visão de mundo próprias. Delgado e Ferreira (2003, p. 98), afirmam que:

[...] as propostas e as novas formas proclamadas não se situam em nível de toda a Igreja. São próprias de alguns setores mais avançados de grupos de leigos, padres e bispos que procuravam outros passos, favorecendo um diálogo maior com a história, buscando uma maior participação de seus membros, em vista da construção do que entendiam ser uma comunidade livre, justa, solidária e fraterna. A Igreja Católica não é um bloco homogêneo. Nela estão presentes práticas diferentes e mesmo contraditórias. Existem diferentes comportamentos religiosos e políticos, influenciados pela forma como seus membros se ligam às várias classes sociais.

A citação do parágrafo anterior, demonstra que nem toda mudança abarca todos os indivíduos de um mesmo segmento religioso.

A perspectiva de ser Igreja vai sendo ressignificada com as demandas de seu tempo, pelo menos no discurso e na prática de alguns segmentos católicos, como por exemplo, a Teologia da Enxada. Este segmento estava comprometido com uma religião libertária, próxima do povo e oposta a toda e qualquer forma de injustiça, opressão e exclusão.

Conforme o parágrafo acima, Raimundo Nonato de Queiroz foi um homem que compreendeu e interiorizou essa forma de ser Igreja, de acolher e estar do lado dos pobres, dos oprimidos, dos marginalizados e injustiçados:

Bom. Nonato foi muito... ele sempre foi muito... pela nossa formação, muito atento aos empobrecidos, ele tinha clareza nas opções dele e todas as opções dele foram em função dessa grande preferência pelos mais humilhados, mais pobres e toda, o ideário dele aquilo que ele mais pregou era a profecia denunciando os ricos, poderosos. (João Batista Magalhães Sales).

O relato do amigo de Raimundo Nonato confirma que as ações desenvolvidas pelo educador popular, desde sua formação no seminário, eram voltadas aos que estavam socialmente excluídos.

Analisando a concepção de religião, de sociedade e de sujeito defendida por Nonato durante a Teologia da Enxada (1969-1971), pode-se dizer que dentre os segmentos religiosos: ala moderada, ala progressista e a ala conservadora, o educador se aproxima da ala progressista que estava mais propícia a mudanças e comprometidos com uma transformação social, política, religiosa e supostamente a econômica, com a opção preferencial pelos pobres e sua inserção na sociedade de forma ativa.

Raimundo Nonato de Queiroz teve uma formação em seminário teológico voltada para a realidade social. A Teologia da Enxada foi mais uma oportunidade de vivenciar e desenvolver práticas que consideravam os saberes do povo. Pode-se dizer que o método de estudo teológico do Instituto de Teologia do Recife era avançado para o seu tempo, considerando o tradicionalismo da Igreja Católica que valorizava momentos voltados para as orações, o espaço da instituição formadora (o seminário), estudos bíblicos, com pouca vivência de inserção no meio do povo, durante o percurso formativo.

Tendo uma formação voltada para o trabalho com os grupos populares, Raimundo Nonato vivenciou na Teologia da Enxada um método que tinha como norte a pedagogia freiriana, pois os estudantes-seminaristas recebiam do Pe. Comblin temas: como a moradia, o trabalho, dentre outros e posteriormente realizavam entrevista com os sujeitos da Cidade em que cada grupo estava inserido. Sobre a abordagem dialógica realizada com a população local, para conhecer a realidade em que estavam inseridos, o ex-seminarista afirma:

A primeira pesquisa, a primeira enquete, a primeira entrevista, era com as pessoas simples, às vezes também com uma pessoa menos simples de certa classe, mas predominava o diálogo com as pessoas mais simples. Então íamos nas casas aplicando as noites ou finais de dia, fim de semana para entrevistar as pessoas dentro de alguns temas [...] dialogar dentro de alguns temas previamente já classificados por nosso professor que foi extremamente importante na época Comblin. (João Batista Magalhães Sales).

Conforme a exposição anterior, o estudo teológico utilizado buscava um diálogo, uma espécie de diagnóstico, de abordagem para conhecer os sujeitos, os saberes que possuíam. Essa aproximação tinha como público-alvo as pessoas mais simples e, a partir daí, eram realizadas as entrevistas.

Na abordagem referida acima, os seminaristas realizaram práticas que se assemelham ao educador Paulo Freire: “[...] o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação [...]”. (FREIRE, 1987, p. 41). A participação dos seminaristas tinha esse diferencial: uma inserção na realidade camponesa para facilitar a comunicação entre seminaristas e moradores e, conseqüentemente considerá-los na construção de um conhecimento coletivo.

Para o desenvolvimento da Teologia da Enxada, o padre belga que coordenava tal prática realizava encontros de orientação com os grupos. “Comblin ia lá de 15 em 15 dias ou de mês em mês, ou a gente vinha a Recife com ele, as duas equipes moravam em lugares diferentes, mas se juntava para fazer o mesmo tema, avaliar e introduzir o seguinte”, informa João Batista Magalhães Sales.

De acordo com o ex-seminarista que viveu a Teologia da Enxada, a mediação realizada pelo Pe. Comblin demonstrava a interação dos grupos de seminaristas para planejar, executar e avaliar a proposta de formação.

Sobre a Teologia da Enxada, João Batista Magalhães Sales afirma:

Comblin dizia que era a partir do povo, então não era menos profunda do que a teologia partida dos livros, ele dizia sempre isso, a inversão. Nós fazemos teologia de baixo pra cima, partindo das conversas do povo, a nossa reflexão em cima disso para chegarmos a abordar a teologia tradicional e tentar uma síntese da Igreja. Quer dizer, a gente devolvia ao povo depois oportunamente o que podíamos devolver para valorizar o ponto de vista da fé, aquilo que eles nos legaram como, como partícipes dessa teologia. (Grifo nosso).

A declaração do ex-seminarista ratifica a opção do professor e dos estudantes-seminaristas em ter um olhar, uma prática, uma sensibilidade voltada para a realidade

camponesa, de ter uma aproximação daqueles que historicamente foram excluídos e desvalorizados por sua forma de ser e interpretar o mundo. A pedagogia vivenciada pelo grupo rompia com essa forma de ser e enxergar o outro, pois considerava e valorizava os saberes dos indivíduos como coparticipes no processo da formação eclesial dos seminaristas. Com essa proposta de formação teológica, foi possível refletir e desenvolver uma práxis embasada numa religião libertária, que colocasse os menos favorecidos na análise da própria realidade, estimulando a autonomia do pensamento das pessoas.

Sobre esse novo método de formação teológica do Instituto de Teologia do Recife, o jornal “O Momento”, publicou um artigo em 15 de janeiro de 1988, escrito pelo então arcebispo da Paraíba, Dom José Maria Pires, que tem como título da matéria “Missionários de Bíblia e Enxada”. O arcebispo informa como era organizado o trabalho eclesial dos estudantes-seminaristas e relata que a Teologia da Enxada seria um novo método de formação seminarística que, se o estudante sentisse o desejo poderia ser ordenado, mas não era obrigatório seguir o sacerdócio.

Em um trecho do artigo, Dom José descreve a rotina do grupo: “[...] Levantavam-se bem cedo e faziam um longo tempo de oração. Depois tomavam café que eles mesmos preparavam e partiam os cinco para o roçado onde trabalhavam toda a manhã. [...]”.

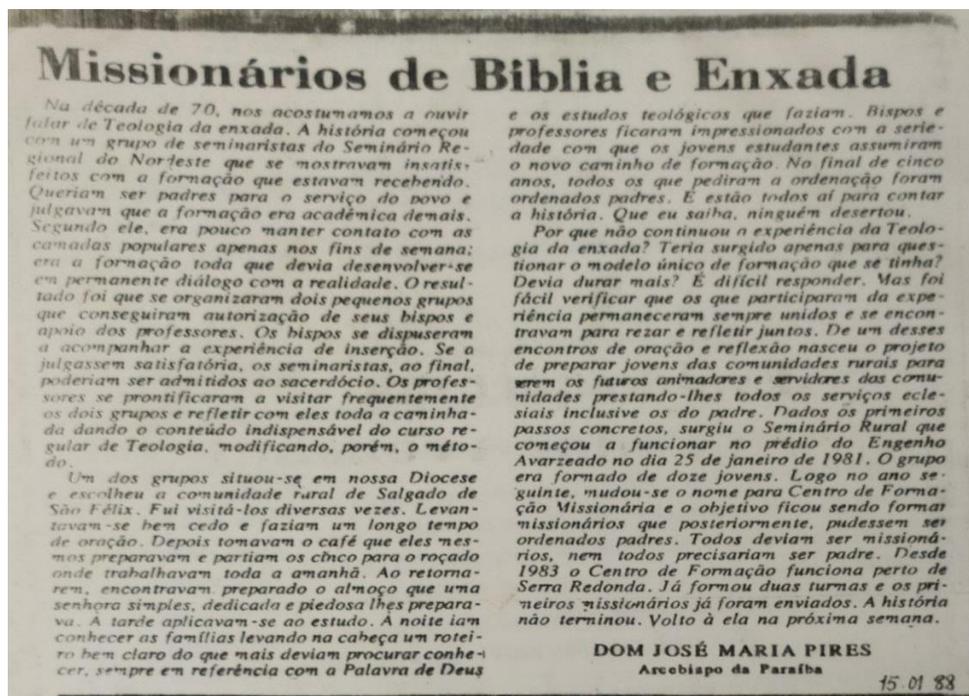
O novo método de formação seminarística considerava que os estudantes de seminários teológicos deveriam realizar atividades laborais que fazia parte do cotidiano das famílias, para que, assim, pudessem relacionar o estudo teológico com a realidade concreta do povo camponês. “À tarde aplicavam-se aos estudos. À noite iam conhecer as famílias levando na cabeça um roteiro bem claro do que mais deviam procurar conhecer, sempre em referência com a Palavra de Deus e os estudos teológicos que faziam”.⁶

A descrição da vivência dos estudantes feita por Dom José Maria Pires elucida que os estudos bíblicos, o trabalho no campo e a aproximação com a realidade camponesa era uma tríade indispensável para realizar uma evangelização concreta, não mais alheia às condições existenciais e materiais da população carente. Era uma prática que valorizava e incluía o outro no compartilhamento de saberes.

A manchete do jornal (figura 7) mostra como foi a Teologia da Enxada nas duas (2) Cidades do nordeste brasileiro e informa que o tempo de atuação dos seminaristas foi de três (3) anos.

⁶ Trechos retirados do jornal “O Momento”, no dia 15 de janeiro de 1988. O artigo foi escrito pelo arcebispo da época Dom José Maria Pires. O recorte do jornal encontra-se no acervo pessoal de Maria Aparecida da Silva Félix Queiroz.

Figura 7: Jornal O Momento



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Aparecida Félix de Queiroz.

Segundo Guedes Neto (2013, p. 85):

[...] os seminaristas, ao mesmo tempo que discutiam e apresentavam seus conhecimentos acerca do evangelho, também aprendiam a pegar na enxada. A simbologia da enxada serve para criar uma relação com o trabalhador rural, tendo em vista que ao passo que o evangelho era lido, analisado, discutido, os seminaristas também tinham em alguns momentos o contato com as experiências do campo e desta feita vai-se criando familiaridade com as ferramentas que compõem o universo do agricultor, **uma dessas ferramentas principais no agreste pernambucano é a enxada** (Grifos nosso).

Ainda segundo o autor (2013), a relação entre os camponeses e os estudantes-seminaristas eram mediadas pela troca de experiências, de conciliar estudos bíblicos com a realidade camponesa.

Por tudo o que apresentamos antes, a Teologia da Enxada foi um novo jeito de viver uma formação sacerdotal e seu caráter inovador marcou uma época e a sociedade brasileira.

4 O CAMINHO PARA REFLETIR UMA RELIGIÃO LIBERTÁRIA

4.1 Desafios e perspectivas para viver uma religião libertária

As concepções de sujeito, de sociedade e de religião defendidas por Raimundo Nonato de Queiroz eram muito fortes e objetivas, sendo percebidas nos lugares em que viveu, deixando um legado para a história brasileira, para os líderes comunitários, para a educação popular, dentre outros segmentos da sociedade. Mesmo com esse reconhecimento histórico, a atuação na Teologia da Enxada de Nonato na Cidade de Tacaimbó-PE, de 1969 a 1971, não foi bem aceita por alguns políticos locais, pois a práxis adotada pelo ex-seminarista estimulava uma consciência crítica, o questionamento em relação as estruturas de poder, de dominação e de opressão. Essa forma de atuar no agreste pernambucano, no contexto da Ditadura Civil-Militar (1964-1985) desencadeou várias perseguições ao ex-seminarista.

A atuação de Raimundo Nonato de Queiroz em Tacaimbó-PE foi durante o governo do general Médici (1969-1974), como mencionado no capítulo anterior.

“Sob o lema ‘Segurança e Desenvolvimento’, Médici dá início, em 30 de outubro de 1969, ao governo que representará o período mais absoluto de repressão, violência e supressão das liberdades civis de nossa história republicana [...]”. (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1985, p. 63). É nessa conjuntura política que a Teologia da Enxada vai provocar reverberações e/ou silenciamentos no agreste pernambucano, tendo como objeto de estudo monográfico o educador popular Raimundo Nonato de Queiroz.

O testemunho de vida do educador popular, foi sendo incorporado através da sua atuação em diferentes espaços, nas vivências com grupos populares, na instituição formadora, nas nuances políticas, sociais, religiosa, econômica e cultural que, de certa forma, vai introjetando no indivíduo novas ou velhas formas de viver e agir na sociedade. Decerto, ter um posicionamento político, naquele momento da história brasileira era necessário para o exercício da cidadania, para reivindicar melhorias no país, apesar do regime militar.

Como afirma Ridenti (2014, p. 24): “[...] A crise do milagre econômico, o arrocho salarial, a crescente concentração de riquezas, a insatisfação com as medidas repressivas, as mudanças na conjuntura política, entre outros fatores, levaram à politização de parte da classe trabalhadora”.

É na década de 1960, que a religião e a política vão sendo introduzidas nas questões sociais do país. Diante dessa realidade, com o objetivo de elucidar como a religião influenciou

a prática social e política de Raimundo Nonato de Queiroz, João Batista Magalhães Sales afirma:

[...] **tínhamos ligações com pessoas de engajamento político** e nós mesmos começamos a perceber que era importante ter um posicionamento também. **Era impossível ser missionários como queríamos, padres ou não, sem definirmos também nossa... sem estarmos próximos de movimentos populares e forças políticas** que estavam atuando na área, **não podíamos fazer isso, isentos disso**. Foi aí que deu, né, política, religião, fé e política se dizia, fé e política estão juntas. (Grifo nosso).

A fala de João Batista Magalhães Sales está permeada pela relação política, social e religiosa que caracteriza a Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Nessas circunstâncias, o ex-seminarista descreve que a dinâmica dos anos 1969 exigia um posicionamento, uma opção política que interferiu diretamente na questão religiosa.

Como o ex-seminarista menciona, toda luta tem dois lados (opressores e oprimidos, ricos e pobres, trabalhador e empregador) e não tinha como ficar isento dessas questões, bem como não poderia haver neutralidade por parte dos estudantes-seminaristas. O que existia, em alguns casos, era a omissão, o silenciamento, a aceitação ou não-aceitação das relações humanas, política, econômica e religiosa.

Na década de 1960, a opção de alguns segmentos da Igreja Católica, estava atrelada aos movimentos de renovação, de diálogo e da Igreja olhar para si mesma. Foi a partir daí que essa instituição religiosa passou a desempenhar um papel significativo nas questões política e social que marcava a sociedade brasileira:

[...] O novo lugar que, progressivamente, o catolicismo foi ocupando na sociedade brasileira, neste período, modificou seu perfil tanto interna quanto externamente. Foi ocorrendo, assim, uma metamorfose na compreensão de si mesmo. O seu perfil institucional foi sendo alterado. Com isso, a imagem tradicional da Igreja, sua linguagem e sua projeção na sociedade apresentavam uma nova direção. A instituição eclesiástica começava a abrir novos horizontes em sua práxis. [...]. (DELGADO; FERREIRA, 2003, p. 96).

Para Delgado e Ferreira (2003), a efervescência social, o contorno político, econômico e cultural incide diretamente no posicionamento da Igreja Católica. Com as novas demandas sociais, ocorre uma resignificação ou adaptação nas práticas da Igreja Católica. Para compreender esse processo, é preciso analisar os fatores subjacentes que provocaram uma ruptura com o paradigma anterior.

O paradigma da Igreja Católica, antes do Concílio Vaticano II era mais voltado para o templo em si, mas com as mudanças na sociedade, vai sendo delineada uma aproximação com

a classe popular, sente a necessidade de se posicionar em favor dos menos favorecidos, de ter um engajamento na realidade social e política. Raimundo Nonato assimilou e interiorizou esse posicionamento da Igreja, que foi característico da ala católica progressista.

Em Tacaimbó-PE, Raimundo Nonato e seus companheiros seminaristas, agiam frente às injustiças sociais, políticas e econômicas nos anos de 1969-1971. O combate a essas injustiças estavam refletidas na própria comunidade, na prática religiosa e na abordagem sociopolítica utilizadas por Raimundo em uma perspectiva libertária de analisar os problemas e buscar soluções através do diálogo, de uma atuação problematizadora, que questionava as estruturas de poder local.

A partir das entrevistas, do diálogo realizado com a população e da análise da realidade local, Raimundo Nonato de Queiroz, podemos dizer assim, incomodou as estruturas de poder de Tacaimbó-PE. Pode-se afirmar que através dos estudos teológicos do Instituto de Teologia do Recife, os estudantes-seminaristas romperam com a tradicionalidade da Igreja, ainda que em processo inicial.

“O estudo resultou na construção de 16 casas populares no alto Santo Antônio durante a primeira metade da década de 1970, área doada pela paróquia e que teve o apoio de uma máquina de fabricar tijolos do padre e médico francês, Jacques Labesj”. (GUEDES NETO, 2013, p. 90). O método era voltado para a ação, observando a realidade dos camponeses, mas partindo para a concepção de uma religião sensível aos seus problemas concretos.

Considerar os sujeitos no processo de busca por melhorias na própria localidade é promover uma “[...] libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É *práxis*, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. (FREIRE, 1985, p. 43). Nessa perspectiva, valorizar o ser humano na sua particularidade possibilita uma aproximação entre os sujeitos e contribui para o processo de aprendizagem mútua. Essa lógica de formação seminarística demonstra a nova perspectiva de evangelização proposta pelo Concílio Vaticano II, que considera o indivíduo como agente ativo, transformador da realidade.

No processo de interação com a comunidade local, Raimundo Nonato de Queiroz testemunha a proximidade com o outro, com aquele que é diferente, mas que possui uma igualdade: Todos são humanos e possuem direitos fundamentais.

Para Queiroz (2006, p. 36), valorizar o outro, considerar as suas particularidades enquanto ser único e singular, no trabalho em grupo, demonstra que: “[...] Cada um deveria estar atento à mensagem do outro, sem acarretar julgamento [...]. Convém, em todo caso, evitar desvalorizar o outro, de o jogar na insegurança, de provocar suas ‘defesas’, fontes de

inautenticidade”. Aqui, é possível notar a importância do outro e das diferenças para o trabalho coletivo, para pensar na questão do exercício pleno da cidadania, compreendendo e reforçando a igualdade de direitos e deveres de cada indivíduo.

A atuação do educador popular demonstra a valorização do ser humano em sua globalidade, daquele que possui na sua essência o inacabamento e assim, é capaz de criar, recriar, construir, desconstruir, produzir e reproduzir as questões existenciais de seu tempo.

Profundamente imbricado com o protagonismo e conseqüentemente com a libertação do indivíduo, Nonato sofreu perseguições em Tacaimbó-PE por estimular o pensamento independente dos indivíduos da Cidade, por ter um posicionamento firme, íntegro e autêntico.

Outro marco da mudança provocada pela participação de Raimundo Nonato e outros membros, no Município de Tacaimbó-PE, foi um evento na Festa do Padroeiro. “Nas Festas de Santo Antônio, o andor nas procissões chegou a ser ornamentado com dinheiro – numa demonstração da força financeira dos chamados presidentes da festa, sendo a última realizada desta forma em 1972”⁷. O fragmento do texto que relata a atuação de Raimundo Nonato, identifica uma festa religiosa que valoriza os sujeitos que possuíam *status* financeiro, excluindo aqueles que não tinham poder aquisitivo.

Certamente, a *práxis* de Nonato com os colegas seminaristas provocou reverberações no Município, pois a estabilidade e a situação de ordem social que o poder político local tinha em relação à população tacaimboense foi ameaçada. A concepção dos sujeitos inseridos na Cidade foi sendo estimulada, questionada, problematizada para uma análise crítica da realidade, das estruturas de poder.

As relações humanas são permeadas por conflito de interesses, necessidades e lutas que variam de acordo com a demanda política, econômica e religiosa de cada modelo de sociedade, e, também, pelo poder exercido pelos grupos sociais.

Dentre os elementos que interferem nas relações humanas, Machado (1993, p. 70) comenta que o *poder*, segundo Foucault é “[...] esta coisa tão enigmática, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e oculta, investida em toda parte [...]”. Desta forma, o poder é exercido pelos indivíduos, tal movimento é praticado no cotidiano, nas relações familiares, no trabalho, na escola, nas diversas esferas sociais “[...] onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui”[...]. (MACHADO, 1993, p. 71).

⁷ Trecho retirado de um documento impresso. O texto está disponível no Memorial Raimundo Nonato de Queiroz, localizado na Cidade de Bayeux-PB.

Alguns sujeitos exercem o poder com maior intensidade quando estão inseridos em grupos que disputam por uma adesão ideológica, política e religiosa particular, pela imposição e aceitação de uma verdade defendida pela classe em que estão inseridos, por sua inserção na construção de uma sociedade dita ideal.

Geralmente, numa região em que uma minoria dita as questões sociais, religiosas, políticas, econômicas, culturais e educacionais, naturalizando as disparidades sociais como algo imutável, que não precisa ser questionada, ter a presença de sujeitos que estimulam a população a analisar as estruturas por outro ângulo, pela ótica do opressor, causa na classe privilegiada um receio, a não-aceitação do protagonismo e autonomia dos indivíduos. “A questão está em que, pensar autenticamente, é perigoso [...]”. (FREIRE, 1987, p. 39). Ou seja, numa sociedade desigual e de classes, é necessário manter e reproduzir as estruturas de poder da classe dominante, para que não ocorram mudanças bruscas.

Partindo da lógica indicada acima, Raimundo Nonato foi perseguido em Tacaimbó-PE, por defender a participação do povo nas questões locais, por testemunhar uma religião libertária, que coloca os sujeitos no processo de intervenção, ao invés de mistificar e colocar os problemas existenciais e materiais, resultantes única e exclusivamente, da ação divina.

Na luta por uma religião crítica que provocasse a participação e libertação do povo, na Festa de Santo Antônio, em Tacaimbó-PE, Raimundo Nonato de Queiroz foi vítima de uma das perseguições mais grave, o educador popular sofreu ameaça de morte, do então prefeito da Cidade, Carlos Leite que era contrário à atuação de Raimundo e seus colegas seminaristas no município e aproveitou uma disputa de opinião sobre uma festa popular para se impor.

A prática libertária vivenciada pelo grupo de seminaristas nos anos de 1969-1971, suscitava nos moradores uma mudança de mentalidade que convergia, ainda que paulatinamente, com a ruptura de práticas opressoras e permitia uma melhor compreensão das suas necessidades existenciais. Um exemplo disso, pode ser encontrado no fato de que a primeira mudança concreta foi a construção de dezesseis (16) moradias populares.

Apesar do perigo de perder a própria vida, Raimundo Nonato não demonstrou medo, embora algumas pessoas tenham avisado com antecedência sobre a chegada do prefeito e aconselhado Nonato a fugir sem ser visto, pois o prefeito estava com uma arma de fogo.

O ex-seminarista agiu de forma contrária e permaneceu para enfrentar. “Saiu pela porta da frente e ao cruzar com o Prefeito com a arma na mão foi até ele e disse: ‘Você quer

me matar?’ ‘Atire, eu estou aqui!’” Tal episódio identifica o posicionamento, o caráter e a personalidade do educador popular de não ficar omissos frente as injustiças locais.

O momento de enfrentamento de Nonato com o prefeito está marcado na memória de seus familiares e contemporâneos e, chegou a ser registrado em uma caricatura.

Figura 8 - Caricatura em alusão a ameaça de morte em Tacaimbó-PE



Fonte: Arquivo Memorial Raimundo Nonato de Queiroz.

A caricatura acima registra o momento de enfrentamento de Nonato com o prefeito local, quando foi perseguido por explicar à população tacaimboense os motivos do então prefeito do município não ter autorizado um alvará para a presença de parques de diversão na Festa de Santo Antônio.

O posicionamento do educador popular, de expressar publicamente os interesses dominantes do prefeito, demonstra a busca para desvelar uma prática opressora, de dominação, de aceitação da verdade disseminada pelo opressor.

Em sua vivência, Raimundo interioriza e exterioriza uma prática que visa a liberdade de homens e mulheres que historicamente foram estimulados a silenciar e aceitar os ditames de grupos minoritários.

Para Freire (1987, p. 110):

O testemunho, na teoria dialógica da ação, é uma das conotações principais do caráter cultural e pedagógico da evolução.

Entre os elementos constitutivos do testemunho, que não veriam historicamente, estão a coerência entre a palavra e o ato de quem testemunha, a ousadia do que

⁸ Trecho retirado do documento impresso no Memorial Raimundo Nonato de Queiroz, localizado na Cidade de Bayeux-PB.

testemunha, que o leva a enfrentar a existência como um risco permanente, a radicalização, nunca a sectarização, na opção feita, que leva não só o que testemunha, mas aqueles a quem dá, o testemunho, cada vez mais à ação. A valentia de amar que, segundo pensamos, já ficou claro não significar a acomodação ao mundo injusto mas a transformação deste mundo para a crescente libertação dos homens. [...]

Freire (1987) destaca que o testemunho é um risco permanente, pois a luta pela libertação é um processo cotidiano, que permeia a vida dos sujeitos nas esferas sociais, e que vai além das palavras, que exige ação.

Ainda sobre a caricatura (Figura 8), chama a atenção a fragilidade que a doença de Parkinson ocasionou na vida de Nonato, sendo destacada na fala: “Tô tremendo mas, não é de medo”, explicitando os sinais que a doença apresentava no educador popular.

A Doença de Parkinson provoca tremor no corpo e de forma gradual vai reduzindo as potencialidades físicas do sujeito devido à rigidez muscular, dentre outras restrições que o parkinsoniano enfrenta (lentidão dos movimentos, desequilíbrio, dentre outros sintomas).

Com o diagnóstico da Doença de Parkinson, aos 61 anos de idade, Raimundo Nonato tinha a preocupação de ter acompanhamento com o neurologista, de tomar as medicações, realizar atividades físicas, consumir alimentos naturais para ter uma melhor qualidade de vida, dentro dos limites e possibilidades da doença.

Segundo a esposa de Nonato, a patologia, provocou lentidão dos movimentos e algumas atividades passaram a ser realizadas com mais dificuldade e maior tempo para execução, a partir dos 71 anos de idade. Em certas ações, Nonato dependia do auxílio de outra pessoa. No entanto, o educador popular não permitiu que a doença interrompesse seus trabalhos voltados para os grupos populares, para a formação humana.

A esposa de Nonato afirmou que a doença de Parkinson impediu Raimundo Nonato de Queiroz de realizar as atividades em 2018, no ano de sua morte, pois, em 2017, ainda realizou formações na Cidade de Campina Grande-PB, apesar de apresentar fragilidades no ano anterior e por isso, sua filha Catarina Maria Félix de Queiroz o acompanhava nos encontros de formação.

4.1.1 Formação de lideranças comunitárias entre os grupos populares

O trabalho desenvolvido por Raimundo Nonato de Queiroz entre os grupos populares foi bastante importante para estimular a autonomia dos indivíduos e melhorar a atuação das comunidades.

Catarina Maria Félix de Queiroz acompanhava Raimundo Nonato nos encontros de formação nos últimos anos de vida do educador, sendo uma testemunha ocular da prática desenvolvida, descreve, assim, a atuação de seu pai: “[...] Ele queria [...] ajudar a conscientizar os animadores das suas comunidades, em que as pessoas passavam a ter uma visão diferente depois do encontro que tinha com ele [...]”.

Sobre os encontros de formação e a sensibilidade do educador popular em considerar e valorizar o sujeito na sua globalidade, de identificar as potencialidades individuais e estimular a autonomia, a descoberta de si mesmo, Lúcia de Fátima Maciel, uma ex-aluna afirma:

[...] **Nonato, ele tem, ele tinha uma especificidade que era botar o olho em você e descobrir a sua qualidade e investir.** Então eu sou assim tagarela e ele assim, gostava muito de conversar muito, muito e a gente sempre ficava conversando e eu sempre fugindo dele porque eu achava ele muito sabido, e ele ria e mim deixava sem graça, as vezes, e eu era muito boba porque vim de sítio né, num tinha uma formação, uma formação de freira que limita você a não conversar, se calar né (foi por isso que eu saí). E Nonato ele, ele quando ele olhava parecia que ele tava mim despindo, não é. Despindo dá sim, dos seus segredos mais profundos e eu tinha medo disso assim, sabe. De dizer assim você é uma liderança e você precisa fazer e você ter medo disso, de se assumir? E eu tinha medo disso dele, até que eu vi que não era isso [...] (Grifos nosso).

A narrativa de Lúcia de Fátima Maciel expõe a capacidade que Nonato tinha de descobrir através do diálogo, da aproximação e da valorização do outro, a aptidão para o trabalho com a liderança e o investir no ser humano. É como se fosse uma espécie de lapidação do ser, de provocar uma descoberta de si mesmo, de descobrir potencialidades que estavam subjacentes e desconhecida pelo próprio indivíduo. Cabe destacar que nos relatos de todos os participantes da pesquisa a ênfase que foi dada no humanismo, sensibilidade, humildade e na forma cômica que eram característicos da relação de Nonato nos espaços em que frequentava.

Sobre a sensibilidade, o humanismo, o estar perto do outro, do diferente, de estar do lado dos excluídos e marginalizados socialmente, que não tinha valor e significância numa sociedade desigual e de classes, Lúcia de Fátima Maciel acrescenta:

[...] **ele acompanhava a gente, e eu achava isso tão incrível** porque um homem que vivia, não era casado na época. Então **um homem que vivia pra servir várias cidades, ele não parava, encontrava tempo de se juntar com gente insignificante para a sociedade, no caso, a minha equipe, entendeu? Gente que não sabia ler, gente que... pra quê apostar? Será que essas pessoas vão dar certo? Né. Será que elas... dali vai sair alguma coisa? Sabe, meio evangelho? E ele não, ele não queria saber, ele ia.** E isso foi me encantando porque eu não vi só em Nonato, eu via nele e nos outros da equipe. (Grifos nosso).

Segundo a ex-aluna de Raimundo Nonato, a atuação do educador foi para além de teorias, de um discurso vazio, pois cada gesto concreto, cada iniciativa, demonstrava a grandiosidade de ter uma formação que valorizava e incluía o ser humano, sem discriminação, preconceito ou qualquer forma de exclusão, de inferiorização, pelo contrário, estimulava o empoderamento do indivíduo, a interiorização de conhecimentos e de atitudes solidárias, bem como de respeito ao próximo.

A dimensão formativa tinha como norte a autonomia dos grupos comunitários. Uma forma de buscar estratégias e alternativas para solucionar problemas locais, nos quais estavam inseridos ou para além desse espaço. “Durante séculos o nordestino acostudou-se a se submeter a um padrão, esperando do padrão todas as soluções a todos os problemas. Que um grupo tenha de inventar uma solução é uma grande novidade”. (QUEIROZ, 2006, p. 8).

Antes do Concílio Vaticano II, a participação dos leigos e leigas nas questões religiosas podem ser analisadas como passivas, pois não lhes era permitido um protagonismo dos sujeitos nas estruturas eclesiais. Para bem conduzir a sociedade, a hierarquia do Papa, bispo e padre eram suficientes para direcionar e tomar decisões que chegariam nas dioceses, paróquias, comunidades. Ou seja, as decisões deveriam vir da hierarquia da Igreja, não o contrário. “Às vezes, as comunidades aspiram a que um padre venha dizer qual é a solução: é muito mais fácil e menos arriscado. Porém, desse jeito as pessoas não progridem, não aprendem”. (QUEIROZ, 2006, p. 8).

Pode-se dizer que a formação humana desenvolvida por Raimundo Nonato, tendo como base a Educação Popular provocou rupturas na atuação dos leigos e leigas na sociedade, ensejou o protagonismo dos indivíduos.

Para Queiroz (2006, p. 50), o trabalho em grupo exige esforço de si e do outro para uma melhor vivência, na busca por alternativas que favoreçam o todo, mas esse todo, não é homogêneo, pelo contrário, possui singularidades, estas devem ser consideradas, respeitadas e valorizadas como elo para o crescimento individual e coletivo:

Para que um grupo seja sólido e consistente, para que a sua integração seja profunda e duradoura, é necessário não que as diferenças entre os membros sejam niveladas e desapareçam, mas sim que essas diferenças sejam vividas e aceitas num clima de complementaridade, sejam vividas e aceitas como riquezas que se completam. Um grupo vivo e integrado não é um pelotão de soldados uniformizados obedecendo cegamente a um comando único. Isso é justamente o contrário de um grupo vivo. A verdadeira vida de um grupo, de uma comunidade começa justamente pela aceitação e valorização das diferenças de seus membros.

Para o autor (2006), essa concepção de trabalho comunitário, de valorização do outro, do diferente mostra uma perspectiva para construir as relações sociais embasadas no respeito e na valorização da diversidade de indivíduos, de suas particularidades, considerando que tais elementos são complementares para o pensar e agir coletivamente. Então, a atuação de Raimundo Nonato de Queiroz era autêntica, estava em consonância teoria e prática.

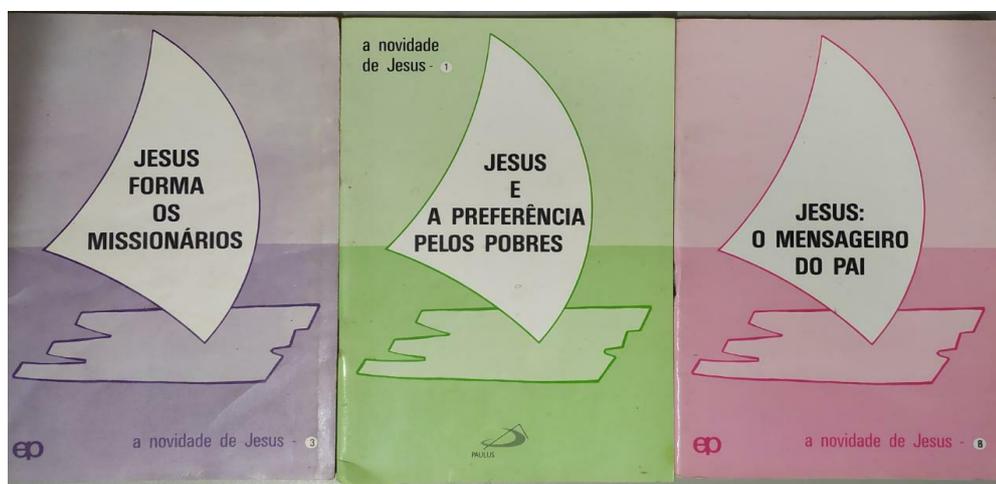
Sobre os temas utilizados na formação, Lúcia de Fátima Maciel comenta:

[...] ele fez o primeiro **tema, sempre na linha de Jesus e os excluídos**. Você imagina a riqueza, né? Então **Jesus enfrenta os poderosos. Nonato!** Para alguém que viveu uma vida, como você sabe, né, em Tacaimbó, junto dos pobres, vindo pra aqui pra Paraíba viver isso. Val, **não era só dizer, sabe! Era dizer, era o dizer de alguém que fez, não era algo vazio**, tá entendendo? (Grifos nosso).

O comentário da ex-aluna do educador popular é permeado pelo testemunho de alguém que viveu o que pregava, não era algo abstrato. Em cada percurso da vida de Nonato, ficou explícito a sua opção em estar do lado dos pobres, de transmitir e viver uma práxis libertária e sensível as necessidades existenciais e materiais dos grupos populares.

Sobre os temas que eram utilizados nos encontros de formação o educador utilizava materiais diversos, aqui será mostrado alguns livros que norteava sua prática educativa, que faz parte da Coleção A novidade de Jesus.

Figura 9- Capa dos livros da Coleção “A novidade de Jesus”



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Aparecida da Silva Félix Queiroz.

A coleção (Figura 9) orienta como devem ser os encontros. Na análise da organização de um livro em específico “Jesus e a preferência pelos pobres”, ele é composto pela

introdução, diz para quem serve os encontros, o que é necessário para participar dos encontros, quais os temas que compõem a coletânea e os passos que compõe cada tema. No total são oito (8) temas: Jesus e a Preferência pelos Pobres, Jesus Missionário, Jesus Forma os Missionários, Jesus Luta Contra os Falsos Pastores, Jesus e a Lei, Jesus e a Sabedoria da Cruz, Jesus e a Ressurreição, Jesus: o Mensageiro do Pai.

Os livros da coleção, que teve a coordenação de Nonato e outros companheiros, dentre eles João Batista Magalhães Sales, possuem uma proposta que apresenta uma mensagem do evangelho e problematiza as questões sociais do tempo de Jesus. Posteriormente, é desenvolvido um trabalho em grupo que deve discutir, contextualizar e relacionar como a mensagem do evangelho pode ser analisada na atualidade.

A metodologia anima uma formação crítica que relaciona o evangelho e a vida cotidiana, as necessidades concretas do ser humano.

Pelos motivos expostos acima, os livros possuem um enfoque na figura de Jesus, homem que serve como espelho para as práticas dos cristãos, que tinha uma opção clara quando viveu na terra, denunciando os poderosos, defendendo uma sociedade mais justa e tinha preferência pelos oprimidos e excluídos.

Sobre o papel de Nonato na formação humana, observa-se que a sua trajetória educativa e formativa foi moldando a sua personalidade e o seu caráter. É tanto que o ex-seminarista teve toda formação de padre, mas optou pela não ordenação.

Seguindo a vida de missionário e educador popular, durante os cursos que Raimundo Nonato realizava na Cidade de Campina Grande-PB pelo Programa ARVORE, ele conheceu Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz, que foi sua aluna. Os dois se conheceram no ano de 1987 e, posteriormente, em 22 de fevereiro de 1998 o casal oficializou a união. O casamento foi realizado no Centro de Formação Missionária, no Sítio Isidoro/Serra Redonda-PB, tendo como celebrante o Pe. José Comblin. O casal tem como fruto da união um filho e uma filha: Filipe Augusto Felix de Queiroz e Catarina Maria Felix de Queiroz.

Sobre a opção do educador popular pela não ordenação, sua esposa afirma:

Ele queria uma vida com mais liberdade, né, e cumprir a missão dele no meio do povo. Aí eu acho que foi isso que levou essa vontade de tá no meio das pessoas, de lutar por justiça e que muitos, muitos até padres tem até vontade mais muitas vezes tem as limitações, aí quando enfrentam são muitas vezes perseguidos, né, e você sendo missionário (perseguido dentro da instituição) né e você sendo missionário, você é... você é... mais... mais livre, você tá... você enfrenta de peito aberto, não tem nada que lhe impeça você. Eu acho que foi isso que fez ele... ele optar por não se ordenar (Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz).

O relato de Maria Aparecida Félix da Silva Queiroz identifica, a preferência de Nonato de trabalhar entre os grupos populares, de ter a liberdade para enfrentar os desafios durante a caminhada de evangelização que estava atrelada à realidade social e política brasileira.

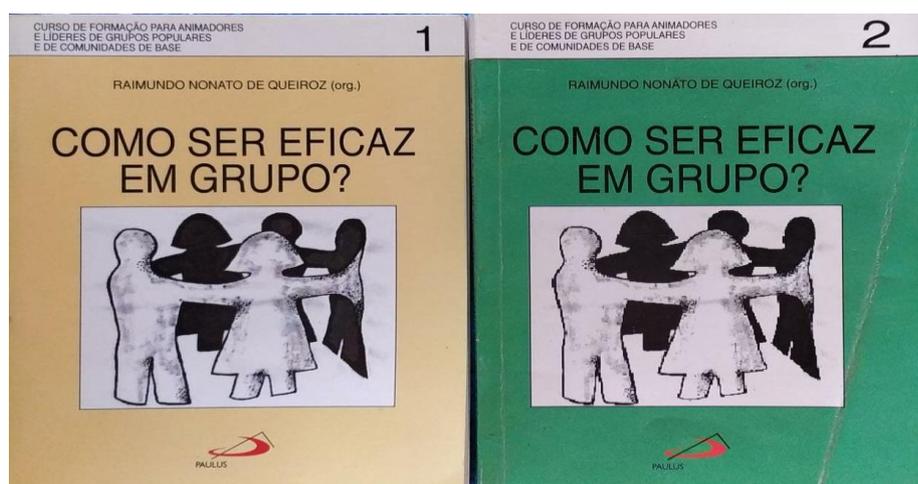
Em seu percurso, o educador escreveu alguns livros.

Aqui, será destacado dois (2) livros escritos por Raimundo Nonato de Queiroz: “Como ser eficaz em grupo?”. Os livros são voltados para o curso de formação para animadores e líderes de grupos populares e de comunidade de base.

O curso completo possui três módulos, compostos por três unidades cada um que é desenvolvido em temas diferentes.

O livro da segunda edição é o resultado de um trabalho desenvolvido no decorrer do tempo que precisou ser sistematizado e adaptado para que, de forma prática e metodológica fossem alcançados os resultados almejados. “[...] Sem formação humana os projetos populares são edifícios que caem por falta de fundamento [...]”. (QUEIROZ, 2006, p. 9).

Figura 10 - Capa dos livros da 1ª e 2ª edição do curso “Como ser eficaz em grupo?”



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Aparecida da Silva Félix Queiroz.

Os livros são fontes escritas que transmite a concepção de um sujeito inserido num tempo e espaço específico da história, que expõe as relações do seu período de existência. Diante do exposto, a prática social, política, religiosa e educacional desenvolvida por Raimundo Nonato contribuiu para o fortalecimento do trabalho nas comunidades, na valorização dos indivíduos e sua inclusão nas vivências compartilhadas, na luta por uma sociedade mais justa, onde todos e todas pudessem usufruir dos mesmos direitos, sem privilégios para determinado sujeito ou grupos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O educador popular Raimundo Nonato de Queiroz foi oriundo de uma família modesta e bastante católica. Na infância, já demonstrava aptidão para ser líder nas relações sociais. Nos meados da década de 1940 que marca os primeiros anos de sua vida, o contexto político era de redemocratização no Brasil e o modelo de sociedade era condizente com a demanda socioeconômica de seu tempo.

Em sua escolarização, Nonato recebeu tanto em sua educação formal quanto familiar, uma educação acrítica, desvinculada da realidade e de cunho rígido.

No que diz respeito às relações familiares, o desejo dos seus pais era que o filho (e os demais irmãos) seguisse o sacerdócio. Assim, na fase da pré-adolescência, Nonato foi estudar aos doze (12) anos de idade no Seminário Menor da Imaculada Conceição, no Recife-PE. Esse fato, evidencia o forte incentivo dos pais para que Nonato e os seus irmãos fossem padre. Nos relatos dos participantes da pesquisa, notamos que o condicionamento do meio em que o educador estava inserido o fez ingressar no seminário e ter a formação sacerdotal completa.

No Seminário Menor da Imaculada Conceição, no final da década de 1950, a integração do educador popular pode ser identificada pelas relações que foram construídas no espaço da instituição formadora (seminário) e, também, foi um fator determinante nas vivências eclesiais que eram voltadas para os grupos populares. Apesar de ter tido a formação necessária para ser padre, Raimundo Nonato de Queiroz optou por não ordenação, preferindo ser um missionário atuante na educação popular, na formação humana.

A formação sacerdotal de Nonato foi marcada pela inserção entre os grupos populares, pela necessidade de ter uma aproximação mais estreita com o povo, estabelecendo diálogos com a realidade.

Partindo desse modelo de formação eclesial, que esteve atrelada ao movimento de renovação da Igreja no ano de 1960, com o Concílio Vaticano II e outros documentos que surgiram a partir de discussões provocadas pelas nuances políticas e sociais do período. Então, Raimundo Nonato de Queiroz demonstrava o interesse e compromisso em estar ao lado dos menos favorecidos, daqueles que a sociedade historicamente exclui por sua condição humana, social e econômica.

Sabendo que esta é uma pesquisa exploratória, identifica-se que Raimundo Nonato de Queiroz se esforçava para internalizar e viver uma religião que promovia a autonomia dos sujeitos, que caminhava para colocar no centro de sua *práxis* os pobres, os excluídos.

Os resultados obtidos com esta pesquisa monográfica, de caráter biográfico, possibilitaram compreender que Raimundo Nonato de Queiroz foi um homem coerente, íntegro, com valores e crenças bem definidos. O contato com as fontes orais e impressas, livros e acervos confirmam que a pedagogia defendida pelo educador era voltada para a realidade dos sujeitos, que sua *práxis* nas esferas sociais e política era embasada na criticidade e o elemento religioso foi indispensável para nortear suas concepções de sujeito e de sociedade. Tal dimensão foi notada, com mais intensidade, na vivência que Nonato teve na formação eclesial inserida na realidade camponesa, na Teologia da Enxada, no Agreste pernambucano, entre os anos de 1969-1971, na Cidade de Tacaimbó-PE.

De acordo com o parágrafo anterior, o educador popular atuou na Teologia da Enxada com o propósito de viver uma formação seminarística voltada para a realidade camponesa nordestina, desenvolvendo um método que rompia, ainda que inicialmente, com a tradição da Igreja Católica, que era ter a aproximação com o povo, de sentir suas angústias, anseios e lutas.

Pode-se dizer que Nonato, desde o seu tempo de seminarista, teve uma atuação à frente de seu tempo. Importante lembrar que, no final da década de 1960 e início do ano de 1970, o regime político no Brasil era ditatorial. Nesse cenário, Raimundo Nonato teve uma fase complementar do curso de Teologia do Seminário Maior, na Cidade de Tacaimbó-PE.

Durante a vivência no município, o educador popular ensinou a participação ativa dos sujeitos na resolução dos problemas locais, vivendo uma formação eclesial que não estava alheia à realidade do povo. Pelo contrário, as práticas desenvolvidas pelo ex-seminarista e pelos demais companheiros do grupo, possibilitavam ao povo tacaimboense uma compreensão crítica da realidade, uma apropriação de conhecimentos que empoderava os sujeitos e paulatinamente desvelava a relação opressora disseminada na Cidade pelo prefeito Carlos Leite.

Em Tacaimbó-PE, Raimundo Nonato testemunhou uma religião que liberta o pobre das amarras do opressor. Por isso, o educador foi perseguido e ameaçado de morte na Igreja da Cidade. Tal fato ocorreu no momento em que Nonato explicava para a população, os motivos do então prefeito do município não ter autorizado um alvará para a presença de parques de diversão na Festa de Santo Antônio.

Historicamente, a tradição da Festa de Santo Antônio privilegiava os indivíduos que tinham *status* financeiro na comunidade, pois estes depositavam dinheiro no andor. Tal dimensão aponta que a festa era voltada para a elite local, não era uma festividade democrática e participativa, que envolvia todos os grupos da comunidade. Diante dessa

realidade, a indignação com a exclusão dos menos favorecidos impulsionou Nonato a lutar para que a festa do padroeiro fosse realizada pelo povo e com o povo. Nisso, a Festa de Santo Antônio foi realizada dessa forma, pela última vez no ano de 1972. Nos anos seguintes, a festa passou a ter a participação efetiva da comunidade local.

Pelos motivos apontados acima, a militância de Nonato foi em defesa de uma sociedade mais justa e participativa, de uma religião sensível às necessidades dos excluídos, dos marginalizados.

A *práxis* do educador popular estava relacionada com os documentos da Igreja Católica que davam margem para um anúncio evangélico voltado para a realidade do povo brasileiro, com a nova forma de ser da Igreja Católica anunciada pelo Concílio Vaticano II.

Raimundo Nonato de Queiroz também atuou na formação humana, desempenhando um papel importante entre os grupos populares, através dos cursos ministrados nas várias Cidades do nordeste brasileiro.

No diálogo com a ex-aluna de Nonato, Lúcia de Fátima Maciel ficou explícita a sensibilidade e humanismo que o educador possuía durante os encontros de formação que era valorizar todos os sujeitos, sem discriminação, e de perceber as potencialidades que cada um (a) tinha, a fim de estimular um desenvolvimento integral do ser humano e sua atuação nos grupos comunitários.

Acreditamos que este estudo biográfico permitiu conhecer a militância de Raimundo Nonato de Queiroz no contexto da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), pois, ao abordar a subjetividade como elemento para compreender as questões do tempo presente de determinado sujeito histórico, foi possível apreender que os movimentos externos da sociedade incidiram diretamente na forma do indivíduo enxergar a si próprio e ao outro, de manifestar-se nas relações humanas, política e religiosa de acordo com as reverberações ou silenciamentos do período. Somado a isso, o estudo biográfico possibilitou uma reflexão acerca das injustiças sociais que assolam a sociedade brasileira (aqui a ênfase foi dada a Tacaimbó), mas que é disseminada por um grupo minoritário como algo natural e imutável e continua excluindo os sujeitos de terem uma vida plena, de usufruírem direitos básicos como moradia, de exercer uma cidadania plena.

Através desta pesquisa monográfica, foi possível relacionar fatos importantes da história à vida e militância do educador popular Raimundo Nonato de Queiroz, ressaltando a individualidade do sujeito e a sua atuação sociopolítica e religiosa na sociedade.

Ressaltamos, por fim, que este estudo biográfico não é conclusivo, visto que durante a pesquisa a quantidade e riqueza abrangente de material, ficou inviável desenvolver outros

aspectos da vida do educador popular. A perspectiva é expandir a pesquisa para outra fase da formação acadêmica (Mestrado) e disseminar a importância de Raimundo Nonato de Queiroz como um exemplo de educador popular na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

AVELAR, de Sá Alexandre. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, v.24, p. 157-172, 2010.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: Nunca Mais**. 5ª ed. Petrópolis, Vozes, 1985.

BRASIL. **Ato Institucional nº. 2, de 27 de outubro de 1965**. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/ait/ait-02-65.htm>>. Acesso em: jan. de 2022.

BRASIL. Decreto-lei nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946. **Lei Orgânica do Ensino Primário**. Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 19 dez. 2021.

BRASIL. Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942. **Lei Orgânica do Ensino Secundário**. Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 21 mar. 2022.

CALDART, Roseli Salette. Dicionário da Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salette et al. (Orgs.). **Reforma Agrária**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular: 2012. p. 657- 668.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. In:_____. **Fazer com: usos e táticas**. Petrópolis, Editora Vozes, 1998. p. 97-102.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, n. 6, p. 9-25, 2003. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO%2C%20Lucilia%20E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523-740, set-dez. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 jul. 2021.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. **Sociologia - problemas e práticas**, nº 9, p. 171-177, 1991. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10071/1239>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. O Brasil Republicano: o tempo da ditadura-regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. In: **Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970)**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. (Vol. 4). p. 93-131.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. In:_____. **Como classificar as pesquisas?** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Rev. Mediações**, Londrina, n. 1, p. 11-40, jan/jun. 2000. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/7273040-Maria-da-gloria-gohn-1-movimentos-sociais-o-conceito-500-anos-de-lutas-sociais-no-brasil-movimentos-sociais-ongs-e-terceiro-setor.html>>. Acesso em: 23 de jan. de 2022.

GUEDES NETO, Adauto. **Com o mesmo calor do sol, com o mesmo peso da enxada: a experiência da Teologia da Enxada no agreste central pernambucano entre 1964 e 1985.** Dissertação. Curso de pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.

LE GOFF, Jacques. História e memória. In:_____. **Memória.** Campinas: EdUnicamp, 1990. (Coleção Repertórios). p. 366-411.

MALHEIROS, Bruno Taranto. Metodologia da pesquisa em educação. In:_____. **Coletando dados qualitativos.** Rio de Janeiro: LTC, 2011. p. 187-203.

MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 27. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

REIS, Daniel Aarão. A vida política. In: REIS, Daniel Aarão. (Coord.). **Modernização, Ditadura e Democracia 1964-2010.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. (Vol. 5; Coleção História do Brasil-Nação: 1808-2010) p. 75-125.

RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: Resistências e integração. In: REIS, Daniel. Aarão; RIDENTI, Marcelo & MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 18-27.

TAGLIAVINI, João Virgílio. Educação e condições materiais da existência: uma leitura sociológica da vocação sacerdotal. **Educere et Educare**, v. 1, n. 2, p. 33-56, 2007. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/167>>. Acesso em: 4 jan. 2022.

ZOTTI, Solange. Sociedade, educação e currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos 80. **Quaestio** - Revista de estudos de educação, n. 2, p. 65-81, nov. 2002.